MEMORIAS

DO

BOM JESUS

DO

MONTE.

Le vulgaire l'admire, et ne le comprend pás.

Lamartine.

COIMBRA:
NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.
1844.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello

Arcebispo e Senhor de Braga, e Primaz das Hespanhas.

Nos curtos saudosos dias, que passei em Braga em 1843, teve Vossa Excellencia a generosa bondade de me animar na idêa, que eu concebêra, mas que receava não poder desempenhar dignamente, de publicar uma descripção e historia do famoso Monumento Religioso do Bom JESUS do Monte.

O fructo do meu trabalho é o presente opusculo. Devido, como é, aos conselhos e lisonjeiras instancias de Vossa Excellencia, só a Vossa Excellencia pertence escudal-o com o seu Nome, dando-lhe assim o merecimento, que de per si não tem.

Digne-se pois Vossa Excellencia de acceitar este singelo testemunho de viva gratidão e da mais respectuosa consideração, com que tenho a honra de ser

De Vossa Excellencia,

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Arcebispo de Braga,

Discipulo o mais attencioso e obrigado

Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel.

O Bom Jesus do Monte, a pezar de ser um Monumento Religioso de grande nomeada, ainda ao longe é mal conhecido por falta d'uma descripção individuada; pois a unica, de que tenho noticia, publicada em 1793, além de ser insufficiente tanto na parte descriptiva, como principalmente na parte historica, é anterior a muitos melhoramentos, que desde aquella epocha tem sido feitos na montanha.

As Memorias do Bom Jesus do Monte tambem não serão perfeitas; mas, taes quaes saírão, dictadas unicamente pelo enthusiasmo e vivo interesse, que me inspirou esta maravilha do nosso Portugal, suppriráõ aquella falta, em quanto uma melhor penna não emendar os defeitos, que se nellas encontrarem.

Dividi a obra em quatro partes. As tres primeiras comprehendem a descripção material do Bom Jesus do Monte com algumas estampas, que para esse fim me forão, quasi todas, offerecidas pelo meu amigo o Sr. A. P. Cardoso Cruz. Na quarta parte dei uma noticia abbreviada da sua instituição e progressos; graças espirituaes, que lhe forão concedidas pela Santa Sé; seus legados, fundos, rendimentos, administração e governo. E tanto nesta, como nas tres primeiras, dediquei algumas linhas a Braga, e ao espirito agazalhador e usanças religiosas de seus habitantes.

Na composição destas Memorias muito devi á cooperação d'alguns bons amigos, aos quaes aproveito esta occasião de dar um publico testemunho do meu reconhecimento.

INDICE.

Pag.

1.ª Estampa

Caggiani lith.

Lith. de Santos L.º do Conde de Barão N.º 21 Lx.ª

PANORAMA DA MONTANHA EM QUE FICA SITUADO O BOM JEZUS DO MONTE, TIRADO DO PASSEIO DE N.ª S.ª DE GUADELUPE,

por A. P. C. C.

1. Bom Jesus
2. Portico.
3. Capella de N.ª S.ª da Consolação.
4. Estrada p.ª o Bom Jesus.
5. Caza do Tanque.
6. Igreja de S. Victor.
7. Recolhim.to da Tamanca.
8. Estrada p.ª o alto da montanha pelo norte.
9. Dita pelo sul.

I.

Topographia do monte e descripção do portico, e das tres primeiras capellas.

As serras do Oural, Aboim da Nobrega, S. Pedro Fins, Nossa Senhora da Abbadia, Carvalho d'Éste, Espinho, Sameiro, Falpêrra, Santa Martha, Amarella, Bom despacho, e Castello, seguindo-se umas ás outras em differentes distancias (1), formão uma larga bacia, no meio da qual está assentada sobre a cumiada d'um pequeno oiteiro a muito antiga e fermosa cidade de Braga.

A serra d'Espinho é dividida em dois altos montes fronteiros: sobre um delles, que mais particularmente é nomeado *monte Espinho*, extende-se a freguezia de S. Martinho; e pelo outro a de Santa Eulalia de Tunões, donde lhe chamão *monte de Santa Eulalia*. Este toca a mais elevada linha horizontal daquelle, e fórma para a banda da cidade um plano inclinado e escabroso, em parte ainda coberto de encastelladas rochas, e apicadas penedias; o qual se vai extendendo e adoçando pouco e pouco até os confins da freguezia de S. Victor.

Sobre a costa occidental deste monte está construido o famigerado Sanctuario do Bom Jesus do Monte (2).

Conduz para ahi obra de comprida meia legoa uma estrada não muito espaçosa, quasi toda calçada, e em grande parte orlada de castanheiros, sobreiros, e choupos, que enfiados, e entrelaçados com videiras enforcadas, como é de costume na provincia do Minho, offerecem aos olhos agradavel perspectiva, e dão fresca sombra em dias calmosos.

Após uma comprida, e em alguns pontos assás ingreme subida pelo monte, e a voltar de norte para nascente, dá o visitante de rosto com o portico do Sanctuario. Em frente deste sáe um longo e espaçoso (3) passeio,

---

(1) Ficão ao norte as serras do Oural e Aboim da Nobrega, aquella a duas legoas de Braga, e esta a duas e meia.

Ao nordeste as de S. Pedro Fins, a legoa e meia, e de Nossa Senhora da Abbadia, a tres.

Ao nascente as de Carvalho d'Éste, a uma legoa, e Espinho, a tres quartos de legoa.

A sueste a de Sameiro, a meia legoa.

Ao sul as da Falpêrra, a meia legoa, e Santa Martha, a tres quartos de legoa.

Ao poente a da Amarella, a meia legoa.

Ao noroeste as do Castello, a legoa a meia, e do Bom despacho, a duas legoas e meia.

(2) Estampa 1.ª

(3) Tem de comprimento 95 varas, e de largura 12.

a que dão entrada dois fermosos obeliscos, e ao cimo do qual correm duas estradas, uma para norte, outra para sul, que conduzem ao alto do monte (1). Do sitio, onde se separão, sobem-se seis grosseiros degráos para um patim (2), no qual por principio de grandeza se encontra uma antiquissima e magestosa carvalheira, a maior por certo de quantas povoão a mata do Sanctuario. E deste patim sobem-se outros seis degráos para o portico (3).

O portico é uma das obras mais curiosas do monte do Sanctuario. Formado de granito pardo-escuro, que os d'alli chamão pedra fina, e em que a provincia abunda, eleva-se em volta de sarapanel com seis varas e tres palmos de altura sobre tres e um palmo de largura. Tão solidamente e por tal arte construido, que, apezar de estar apenas sustentado em seus estreitos cunháes, tem zombado dos abalos da terra, e dos furacões, que n'aquellas partes tamanha impressão fazem, é tambem admiravel por sua figura simples e singela, mas esbelta e bem acabada (4).

Tem o portico pendentes do arco as armas do Arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles (5), — pela parte de dentro uma esfera embutida (6), — e em remate uma cruz archiepiscopal entre seis pyramides.

Em cada um dos cunháes do portico está por de fóra aberta uma fonte, que lança sobre uma meia concha por lingua de metal jorro abundante de purissima agua, a qual se escôa d'ahi por gradinhas de ferro para o interior do cunhal,

---

(1) Estampa 1.ª nn. 8 e 9.

(2) De 8 varas de comprimento sobre 18 de largura.

(3) As alterações, que, segundo fui informado, tem de ser feitas á entrada, são as seguintes:

No fim d'aquelle passeio, que conduz ao portico, ha de terraplenar-se um pateo circular de vinte varas de diametro, dividido em quatro paredes de meia laranja, em cada uma das quaes se abrirá uma fonte allegorica pela maneira seguinte:

Uma ha de representar um veado na acção de beber da fonte; e com a inscripção:

UNA SALUS.
CERVUS AD FONTES AQUARUM.

Outra um cordeiro ligado sobre uma ara; e com a inscripção:

HOSTIAM DEO.
DE FONTIBUS SALVATORIS.

A terceira uma phenis na acção de renascer de sobre uma fogueira; e a inscripção:

ET PASSIO ET RESURRECTIO.
FONS VITAE.

A quarta um pelicano na acção de ferir o peito; e com a inscripção:

PASSIO CHRISTI.
ERIT FONS PATIENS.

As fontes do sol e da lua tirão-se para alargar os cunhaes do portico, e sobre este ha de collocar-se uma empena com o letreiro:

JERUSALEM SANCTA RESTAURADA
NO ANNO DE . . .

Para o portico hão de subir-se oito degráos do terreiro.

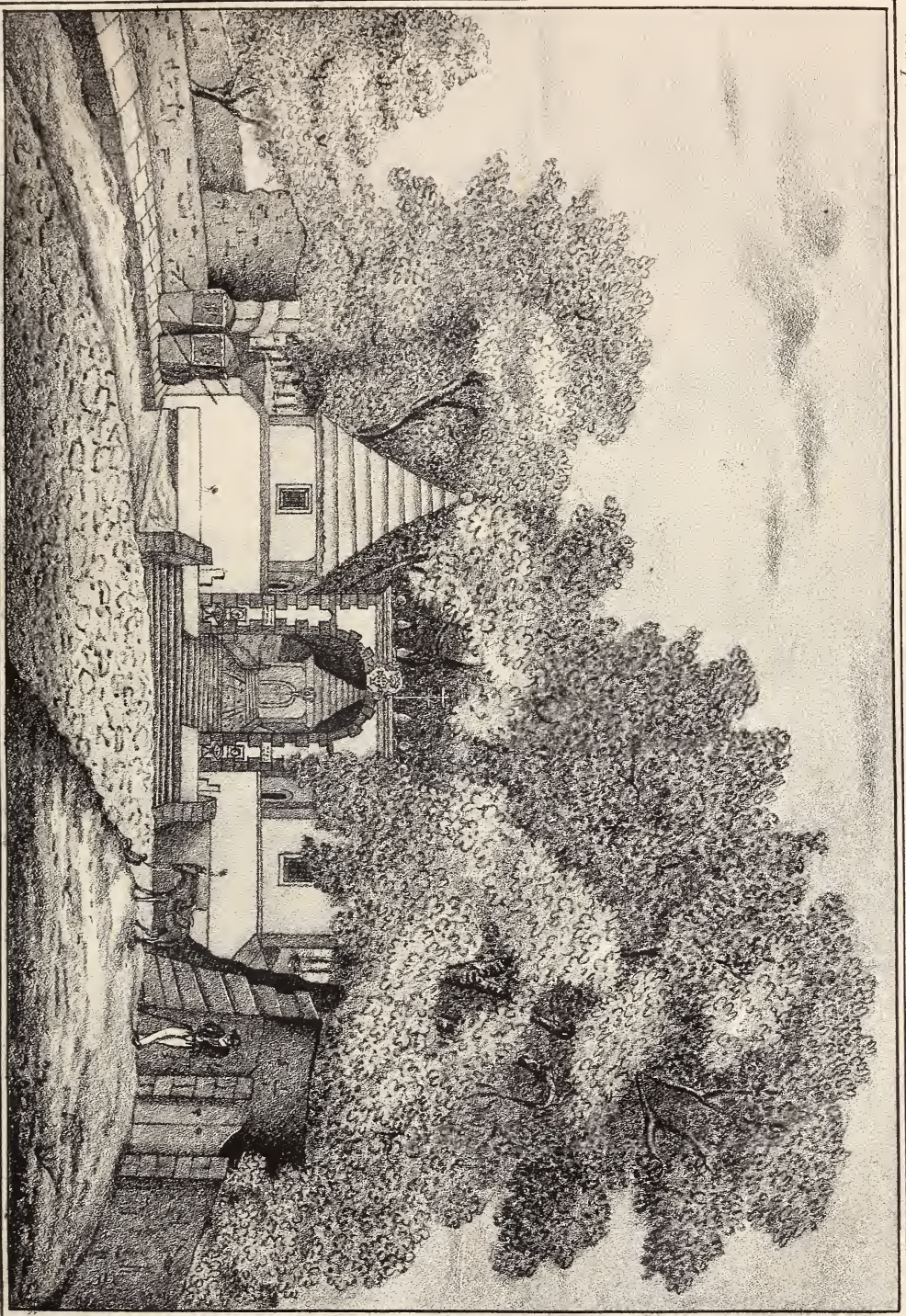
(4) Estampa 2.ª

(5) Em campo vermelho sete castellos d'oiro em tres palas, tendo a do meio tres castellos.

(6) Em balde pretendi saber o que significa esta esfera, que se encontra em quasi todas as obras deste Arcebispo.

Estampa 2.ª

Caggiani lith.

Lith. de Santos L. do Conde Barão N.º 21 Lx.ª

O PORTICO COM AS TRES PRIMEIRAS CAPELLAS.

donde vai perder-se por uma abertura nos parapeitos, que tocão no portico.

A fonte da direita é representada pela figura do sol em baixo relevo, e tem por de cima gravado em uma pedra quadrada o seguinte letreiro:

JERUSALEM SAN-
CTA RESTAURADA,
E REEDIFICADA
NO ANNO DE 1723.

A outra tem pelo mesmo modo a figura da lua, e a inscripção:

PELO ILLUSTRISSIMO
SENHOR DOM RODRIGO
DE MOURA E TELLES
ARCEBISPO PRIMAZ.

Tres degráos acima do portico em igual distancia deste ha duas capellas, uma de cada lado, entre as quaes medeia um patim de oito varas de comprimento sobre sete de largura.

Cercão-nas com intervallo de poucos palmos em derredor parapeitos de alguns palmos d'altura, capeados, e em grande parte guarnecidos de musgo, os quaes, prendendo no portico, continuão sem despegar até á ultima capella da paixão, cercando-as todas, e acompanhando os passeios, que conduzem de umas para outras.

Todas as capellas da paixão são da mesma architectura, simples, e da ordem toscana, com sua cupula quarteada, que se vai gradualmente estreitando até terminar em pont'aguda. Tem suas frestas envidraçadas, e fecha-as uma grande porta verde almofadada, e levantada em arco com largas gelosias de ferro. Da cornija pendem as armas do Arcebispo D. Rodrigo, e por debaixo destas lê-se uma inscripção, que designa o passo da vida, ou paixão de JESU CHRISTO, que ahi se representa.

As estatuas das capellas são pela maior parte grosseiras, e nem sequer ha hi a singularidade, que appresentão as capellinhas do Bussaco, de ser o rosto do Senhor similhante em todas. A maior parte das dos Judeos estão ou quebradas, ou mutiladas: effeito da barbara e supersticiosa ignorancia do povo, que em toda parte, onde se representão os passos da paixão, julga ser uma obra meritoria vingar nas estatuas dos Judeos os ultrages feitos a JESU CHRISTO.

Com quanto simplices, e não muito espaçosas (1), nenhuma destas capellas appresenta a humildade e pobreza, que fôra d'esperar em sitio ermo, consagrado ao retiro e á meditação; pelo contrario parecem inculcar que mão poderosa antes quizera erigir alli monumento de grandeza, que refugio de penitencia. Mas por isso não perdem, — que não é só a pequenez e pobreza das capellinhas do Bussaco, e o religioso recolhimento, a que naturalmente convida

---

(1) As duas primeiras capellas tem d'altura 4 varas e de largura 5 em cada uma das quatro paredes. As outras são um pouco mais pequenas.

a solidão de seus passeios por dentro d'uma floresta sombria e melancholica, o que inspira devoção. Uma alma singela e pura, que visitar o Bom Jesus do Monte, se admirar a grandeza de suas obras, nem por isso deixará de se occupar ahi de outros menos mundanos pensamentos: que a mesma largueza e propriedade, com que são representados os passos da paixão, e as grandes ramadas, que toldão o ar, e fazem deste sitio um retiro melancholico, levantaráõ o seu espirito a profundas considerações religiosas.

A primeira capella é do cenaculo, e tem a inscripção (1):

COENA FACTA . . .
ACCEPIT JESUS
PANEM . . . ET AIT
. . . COMEDITE:
HOC EST COR-
PUS MEUM.
JOAN. 13. 2.
MATH. 26. 26.

A segunda, que lhe fica defronte, representa o horto de Gethsemani. Nella é digna de notar-se a attitude dos Apostolos, especialmente de S. Pedro, na acção de dormir, e o repuxo, que rebenta do pavimento, de fabrica tão perfeita e bem acabada, que salta aos olhos como obra prima de invenção e bom gosto. Tem esta capella a inscripção (2):

FACTUS IN
AGONIA PRO-
LIXIUS ORA-
BAT. LUC. 22.
43.

Immediato ao patim, que medeia entre estas duas capellas, abre-se, encosta acima, um comprido e espaçoso passeio (3), encaixilhado, ou formado de ladrilho de pedra miuda com caixilho de cantaria, e dividido por tres lanços de poucos degráos com pyramides sobre o parapeito no sitio, onde sobe o ultimo degráo de cada lanço. Ao cimo delle está assentada em um pequeno patim (4), e com a frente para o portico, a terceira capella — a da prisão —, que tem a inscripção (5):

MANUS INJE-
CERUNT IN JE-
SUM, ET TE-
NUERUNT
EUM. MATH. 26.
50.

(1) « Acabada a cea, tomou JESUS o pão, e disse: Comei, este é o meu corpo.
(2) « Posto em agonia dobrava JESUS a sua oração.
(3) De 30 varas de comprimento sobre 3 com 3 palmos de largura.
(4) De 4 varas e ½ de comprimento sobre 1 e ½ de largura.
(5) « Lançárão as mãos a JESUS, e o prendêrão.

Sobre o parapeito ao lado direito da capella rompe uma copiosa fonte, em cuja tarja se veem gravados em meio-relevo os emblemas de Apollo—mão, aljava e arco. Esta singularidade encontra-se em todos os demais patins das capellas da paixão, porque cada um tem sua fonte allegorizada por algum dos planetas, ou divindades, a quem rendeo cultos a antiguidade pagã.

Alguem tem censurado (que muitas vezes o ouvi) esta mistura do sagrado com o profano, ou de objectos do christianismo com os do paganismo. Todavia não serei eu que me anime a fazer tal censura ao Arcebispo D. Rodrigo. Houve um tempo, em que o gosto pela mythologia se havia tornado tão universal, que os maiores genios nas artes d'imitação representavão tudo pelos emblemas da fabula. Sirva de exemplo o nosso Camões (1), que reunio o maravilhoso da mythologia com o da religião christã; e Sannazáro (2), que fez vaticinar á Sybilla o nascimento do Messias. D. Rodrigo cedêo ao gosto do tempo; e para desculpal-o bastára o costume geralmente recebido. Porêm se quizerem ir mais ávante, profundar e moralizar o grande pensamento do insigne Prelado, ahi irão talvez encontrar nesses emblemas mythologicos ao pé das capellas da paixão uma lição de moral evangelica, e testemunho das verdades da religião de Christo.

Quizéra por ventura D. Rodrigo significar por estes emblemas, que desde todos os seculos o mundo reconheceo a existencia d'um ser bemfazejo, que os povos accreditavão ter baixado á terra debaixo de differentes fórmas para ensinar os homens, e a quem adoravão como dispensador de todas as graças sobre a terra (3). Mas o espectaculo d'um Deos, unico verdadeiro, creador e senhor do universo, feito homem e martyr para salvar aquelles mesmos homens, que o desconhecêrão e injuriárão, — a expressão dolorosa dos tormentos do Salvador, tão ao vivo representados nas capellas da paixão, — e defronte disto o espelho das antigas superstições, filhas da cegueira dos povos, serve para desarreigar do coração do homem preconceitos de irreligião, e firmar-lhe a crença pura e sincera dos mysterios do christianismo.

Eis aqui o que, a meu vêr, significão os emblemas da mythologia junto das capellas da paixão de Christo. Eis aqui de que maneira o inventor desta obra quiz, se me não engana a fantasia, ensinar aos homens as verdades da religião christã pelas falsidades do paganismo. Maravilhoso pensar do homem insigne, que tão feliz imaginação mostrou no desempenho do mais sancto contraste de objectos entre si tão avêssos, e que parece não podêrem mutuamente compadecer-se!

Sirvão-me estas poucas linhas, traçadas no calor do enthusiasmo, para render meu tributo de admiração e respeito ao grande Prelado, cujo nome é inda hoje acatado em Braga, passando sua memoria de pais a filhos em perenne herança de saudade e veneração.

O portico, as tres primeiras capellas, e seu passeio são assombrados por enramadas carvalheiras, e platanos em mata pouco espessa, plantados sem regularidade, e que, apezar de não serem de desmesurada altura, dão sombra e

---

(1) Lusiad. cant. II. est. 10. e segg., cant. X. est. 40. 80. e segg., e outros muitos logares.

(2) Poema *de partu Virginis*.

(3) Assim adoravão no sol o deos da vegetação: na lua a deosa da castidade e da caça: em Apollo o deos da poesia, medicina, musica e artes: em Marte o deos das victorias: em Mercurio o deos da eloquencia e do commercio: em Saturno o deos da agricultura: em Jupiter o senhor omnipotente de toda a terra: e tantos outros.

agradavel fresquidão em dias de calma. E a perspectiva do portico, que só ao voltar da estrada se avista em curta distancia no meio d'um arvoredo verde-escuro, com as duas primeiras capellas, que a seus lados figurão como duas sentinellas do Sanctuario, e com a terceira, que lá ao longe no meio da mata alveja por entre o portico no fim do seu comprido passeio, formando com as outras duas um triangulo, é uma das mais engraçadas do monte (1). E esse aspecto tam melancholico e solemne infunde no visitante sentimentos de respeito e admiração, que o predispõem para examinar com verdadeiro interesse tudo o mais que vai ver.

---

(1) Vej. Estampa 2.ª

II.

Das seguintes capellas da paixão, seus passeios e fontes, mata, e estradas exteriores para o alto do monte.

D'Aqui para cima sobem em ziguezague quatro passeios similhantes ao que vem do portico, mas muito mais compridos. Ao cimo de cada um ha uma capella, uma fonte, e um assento.

O primeiro destes passeios (1), que é o segundo do monte, sóbe do patim da terceira capella para sul, e tem ao cimo, á direita, a fonte de Marte, allegorizada por alfange, pistola e lança, e em frente a quarta capella — a dos açoutes — com a inscripção (2):

Apprehendit
Pilatus JESU,
et flage-
lavit. Joan.
19. 1.

Todas as capellas do Bom Jesus do monte são visitadas com frequencia e devoção por gente de toda a parte: mas o respeitoso acatamento e a especial devoção do povo d'Espinho pela capella dos açoutes merecem commemorar-se. Por prática constante e antiquissima a gente deste povo, quando passa por aqui, dá sempre volta em derredor da capella, despois ajoelha diante della, ora, e segue seu caminho. Por vezes o presenciei; mas d'uma dellas sobremaneira me compungio a devoção, com que duas pobres velhas, em cujas faces macillentas já se desenhavão as rugas da avançada idade, volteárão de rastos a capella, indo despois rezar diante della em voz alta e de joelhos uma Salve-Rainha. Estava em alguma distancia, e ahi me deixei ficar gozando até o fim com prazer desta scena de fervorosa piedade.

O outro passeio (3) sóbe do patim desta capella para nordeste, e tem ao cimo á esquerda a fonte de Mercurio, allegorizada por uma mão pegando do

(1) Tem 50 varas de comprimento, e é dividido (como o primeiro e todos os outros) por tres lanços d'escadas.
(2) « Tomou Pilatos a Jesus, e o mandou açoutar.
(3) 47 varas de comprimento.

caducêo, e em frente a quinta capella — a da coroação — com a inscripção (1):

Exivit JESUS
portans
coronam
spineam
Joan. 19. 5.

O seguinte passeio (2) sóbe d'ahi para sueste, e tem ao cimo á direita a fonte de Saturno, allegorizada por uma mão pegando d'uma fouce, e em frente a sexta capella — a do *Ecce homo* — com a inscripção (3):

Exivit ... Pila-
tus foras, et
dicit: ..
Ecce homo.
Joan. 19. 4. 5.

Com verdadeiro interesse visitei sempre o monte do Sanctuario, e tamanho prazer gozava por ahi, que de cada vez se me tornavão estes passeios menos custosos de subir. Um ar sempre tão puro e saudavel em atmosfera tão limpa por debaixo das compridas ramadas, e o murmurio das fontes docemente susurrando, — tudo me entretinha a imaginação, me prendia o gosto, e qualquer pequeno objecto me despertava a attenção.

D'uma vez andava sósinho, e ía a subir para o passeio da sexta capella, quando á minha esquerda senti um ruido, que me surprendeo como cousa extranha, que vinha perturbar o silencio e quietação deste sitio. « Que será? .. » Com muita curiosidade o procurei. Era uma levada, que discorria por um cano dentro no parapeito, cujo segredo fôra trahido por uma pedra derrocada, que deixava respirar o murmurio. A agua das fontes mythologicas nasce d'uma rocha viva a um lado do escadorio antigo, e discorrendo pelos quatro primeiros sentidos, vem despois por canos — de tal modo construidos no interior dos parapeitos, que se não deixa sentir a corrente — provêr cada uma destas fontes. Tive verdadeiro pezar da pouca vigilancia de quem quer que for o encarregado da limpeza, conservação, e bom estado destes canos, — que se bem resguardados estiverão, parecêra que da montanha rebentava a agua junto de cada fonte, e esta illusão lhes daria mais subido apreço.

D'outra vez passeava na companhia d'alguns bons amigos, os quaes me fizerão observar uma carvalheira, que se encontra nesse mesmo passeio, alta e majestosa, alargando suas cimas, e cobrindo com seus ramos immensidade de rebentos, que debaixo havião brotado, como tantos filhos nascidos do mesmo seio, já todos viçosos, e alguns corpulentos, forcejando romper por entre a enramada coma do tronco commum. Um destes me fizerão

(1) « Saío Jesus trazendo a corôa d'espinhos.
(2) 42 varas de comprimento.
(3) « Saío Pilatos fóra, e disse: Eis aqui o homem.

elles notar, de que maneira elevando-se em delgada e compridissima vergontea veio *enxertar-se* no tronco primitivo por meio d'um adelgaçado braço, que este lhe extendeo como para segurálo e amparálo em sua marcha altiva, a fim de que mais ousadamente podesse trepar ás nuvens; — emblema do amor paternal, sempre cuidadoso em extender a mão aos debeis filhos, que no verdor da mocidade se deixão ir seu caminho arrebatado, sem repararem que lhes falta razão e forças para resistirem aos revézes do mundo!

O ultimo passeio (1) corre para nordeste do patim da capella antecedente, e tem ao cimo, á direita, a fonte de Jupiter, allegorizada pela dextra empunhando o raio, e defronte della a septima capella — a do Senhor com a cruz ás costas —, e a inscripção (2):

BAJULANS
SIBI CRUCEM...
EXIVIT IN
CALVARIAE
LOCUM.
JOAN. 19. 17.

Discorria eu em fresca e fermosa manhã d'Agosto por esta parte do monte, e grande pezar tinha de não encontrar alma viva, com quem repartisse das doces impressões, que sentia, e a quem podesse communicar affectos, lembranças e pensamentos, que tanto me occupavão o espirito (3). Cheguei ao patim da sexta capella. O assento tão commodo junto da fonte, o murmurio tão compassado da agua, e a serenidade do ar, tudo convidava a descançar. Sentei-me; e extendendo a vista por esse longo passeio, que em frente se abria, topárão meus olhos com uma sombra, que lá ao cimo se amostrava immovel. Que é?.. Em balde o quizera saber, — que pouco adiantada ía a manhã, o sol já um pouco tardío ainda não havia subido para áquem do monte, nem o sombreado da mata permittia enxergar com clareza os objectos distantes. Seria alguma pedra, que houvesse desabado do parapeito? Seria estatua, que nas primeiras visitas me escapasse?....

Approximei-me com sobeja curiosidade; e fiquei commovido ao encontrar um homem já entrado em dias, que de joelhos ante a capella, cabisbaixo e immovel, lendo na sua Via-Sacra (4), orava ao Todo-poderoso. Suas cans, que a uma figura nobre juntavão o respeito da idade; seu pensamento tão enlevado, que nem sequer em mim reparou, como se o ruido de minhas passadas lhe não tocára nos ouvidos; esta doce confidencia de uma alma piedosa na bondade de seu Deos; este suave repouso, precursor do paraiso, penetrárão-me das mais profundas e religiosas commoções.

---

(1) De 54 varas de comprimento.

(2) « Abraçando-se com a cruz, saio para o logar do calvario. »

(3) ... c'est peu des beaux lieux, des beaux jours, de l'étude;
Je veux que l'amitié ....
Me donne ses plaisirs, et partage les miens. (Delile.)

(4) « Via-Sacra, ou modo práctico de visitar as capellas e Igreja principal do insigne Sanctuario do Bom JESUS do Monte ». Contém tambem este livrinho uma descripção miuda dos passos, que se representão nas capellas.

Oh! como mais felices eramos ahi eu e esse meu incognito companheiro, do que aquell'outros homens, que envolvidos no bolicio do mundo, escravos de paixões, nunca provárão as doçuras da religião, nem forão ainda apprender a saboreálas ao Bussaco ou ao Bom Jesus do Monte!

Do patim desta capella sóbe para nascente encosta acima uma escadaria de trinta e quatro degráos em cinco lanços com pyramides sobre o parapeito no principio e no fim. A mata, que d'um e d'outro lado dos passeios tem sido desigual e irregular, em grande altura para um lado e em despenhadeiro para o outro, torna-se aqui mais espessa, e acompanhão os parapeitos por de fóra alas de frondoso arvoredo, que subindo a grande elevação offerece agradavel vista, e esparze suavissima fresquidão, — contraste delicioso com o intenso calor, que em dia descoberto se soffre pelo escadorio, que lhe fica pegado.

Ao cimo desta escadaria gostava eu de sentar-me sobre o parapeito para d'ahi gozar do magnifico panorama dos dois escadorios com suas tres ordens de grandiosas estatuas, suas paredes lateráes debruadas, ou recamadas de buxo, as casas alvejando por entre a verdura dos cyprestes, e o magestoso templo, que lá ao cimo avulta, coroando o monte (1) Bella e sumptuosa é esta obra! Quasi por instincto me deixava alli ficar por largo espaço, e a cada instante me parecia encontrar um novo objecto de admiração!

Ao cimo della em um pateo (2) irregular e tortuoso, que a separa dos escadorios, encontra-se da banda do sul e um pouco mettida pelo monte a oitava capella — da crucifixão —, que tem a inscripção (3):

ERAT
AUTEM HORA
TERTIA: ET
CRUCIFIXE-
RUNT EUM.
MARC. 15. 25.

A' esquerda desta capella atravessa de sul para norte desde os primeiros tempos do Sanctuario uma das duas estradas, de que já fallei, — a qual tendo volteado o monte pelo sul, vai subir ao longo das hortas e quartel da torre a juntar-se com a outra, que pelo norte conduz ao terreiro da estalagem (4).

Ambas estas estradas são muito ingremes, e mal construidas; mas a do norte é sobremodo divertida, porque por debaixo de arvores se vai desfructando por toda ella a soberba perspectiva ao longe.

Termina aqui a primeira parte do monte do Bom Jesus. É por certo bem differente das outras: tem mais simplicidade e natureza; mas é mais rica de sentimentos. E quando o visitante as houver percorrido todas, talvez com prazer volte a assentar-se junto das fontes das capellinhas, ou nos parapeitos dos passeios, respirando o ar puro ao som compassado e sonoro do correr da agua! Talvez cançado das grandezas, que pelo resto do monte foi admirar, volte aqui a recolher-se com seu espirito, ruminar as idèas, que acolá lhe alvorotárão a imaginação, e sozinho comsigo gozar em todo o socego dos encantos da solidão!!

---

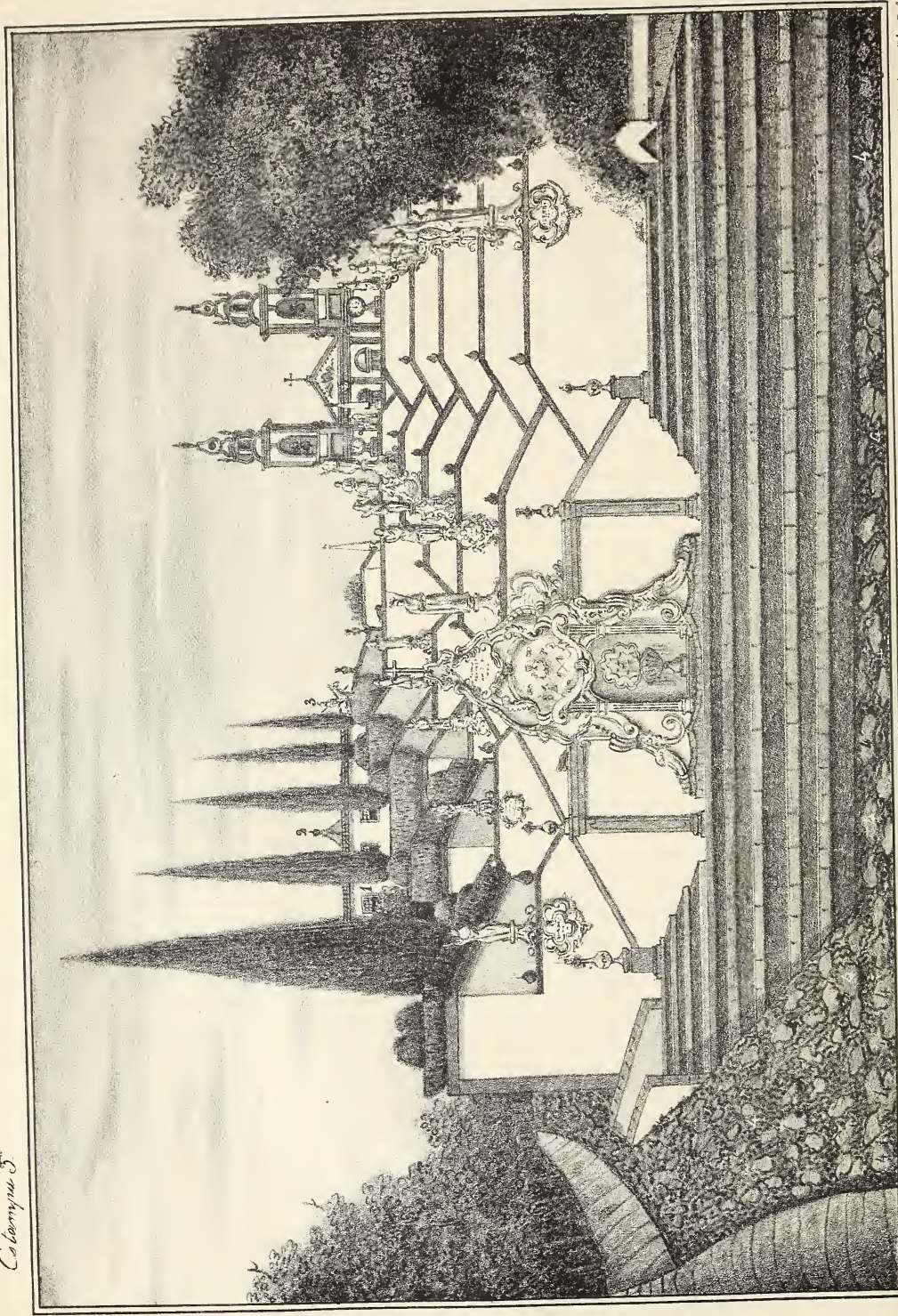
(1) Estampa 3.ª
(2) De 13 varas de largura sobre 7 de comprimento.
(3) « Era, quando o crucificárão, a hora da terça. »
(4) Estampas 1.ª 2.ª e 3.ª

Segunda Parte.

Os dous escadorios dos cinco sentidos e das tres virtudes, e a cascata.

Estampa 5.ª

Caggiani lith.

Lith. de Santos R. do Conde de Barão N.º 21 Lx.ª

PANORAMA DOS ESCADORIOS

1. Caza da Torre
2. Cupula da Capella do Descendimento
3. Estatua de Longuinhos.
4. Estrada do Sul, que atravessa pelo pateo da Capella da Crucificação.

I.

Do escadorio dos cinco sentidos.

DEixei o visitante no pateo da capellà da crucifixão.

Deste pateo sobem sete degraus para um patim (1), na frente do qual se acha a fonte da estampa 3.ª, lançando sobre uma pequena meia concha cinco frouxas correntes por cinco chagas, donde lhe veio o nome de *fonte das cinco chagas*. Tem gravados em meio-relevo na tarja a tunica, os dados, e os instrumentos da paixão, e remata com uma cruz singela, entre a qual e o relevo se lê o seguinte letreiro (2):

PURPUREOS
FONTES ODIUM RESERAVIT
ADOXUM
NUNC IN CHRISTALLOS HIC TIBI
VERTIT AMOR.

Aos lados da parede da fonte se começa de subir o escadorio dos cinco sentidos.

Representa este uma figura quadrilatera e rectangulà (3), dividida em cinco partes, ou *lanços* (como antes lhes chamarei), inteiramente iguaes entre si, cada um dos quaes é formado por uma escada composta (4), e contém uma fonte e tres estatuas sobre suas peanhas pela fórma seguinte. Na frente de cada um dos patins, que ficão ao cimo dos primeiros lanços da escada composta, está uma estatua; e na frente do patim, a que vão dar os segundos lanços da mesma escada, está a fonte, e por de cima della a terceira estatua; a qual, figurando com as outras duas um triangulo, fica-lhes superior na proporção da altura, que ha deste ultimo patim para os outros, porque as paredes, sobre que cada uma das estatuas se acha alevantada, são

---

(1) De 10 varas de comprimento, e 16 de largura.

(2) « Rubras fontes abrio o odio amargo,
« Que ora aqui em cristaes amor converte. »

(3) Toda a extensão deste escadorio tem 18 varas de largura, e 29 de comprimento.

(4) Cada um dos quatro lanços da escada composta tem de largura duas varas e $\frac{1}{2}$: os primeiros patins 6 varas de comprimento sobre 3 e $\frac{1}{2}$ de largura; e o terceiro 6 varas de quadro.

iguaes (1), e tem só a altura necessaria para sustentar os patins correspondentes do *lanço* immediato do escadorio, e servir-lhes de parapeito.

Do terceiro patím sobem para a direita e esquerda os primeiros degráos da escada composta do seguinte *lanço*; e por esta fórma se vai seguindo e prendendo uns nos outros cada um dos *lanços* do escadorio.

Esta construcção é singular (2), e por ventura de merecimento, e agradavel á vista. Em balde pretendi encontrar um termo technico, que a comprehendesse toda. O de *escadorio* é particular á provincia do Minho; e com quanto me não responsabilise pela sua genuinidade e propriedade, sirvo-me delle por escrever com a linguagem da terra.

Cada uma das fontes representa um dos cinco sentídos. As estatuas são de granito, e inteiriças; correspondem pouco mais ou menos á figura d'um homem de estatura agigantada; trajão as vestes dos antigos tempos de Israel, e algumas ainda as de figuras mythologicas; e em suas attitudes significão ou passos da Sagrada Escriptura, ou preceitos evangelicos, extrahidos dos Livros Santos, que tem relação com o sentido allegorizado na fonte.

Todos os cinco *lanços* deste escadorio com suas fontes, estatuas e patins são feitos pelo mesmo gosto, differindo sómente na allusão das fontes e estatuas; e são tapados de norte e sul por paredões mais elevados uns do que outros na proporção da subida d'um para o outro *lanço*, e debruados de compridas franjas de buxo com florões do mesmo em cada ponta, e um cypreste no meio, as quaes figurando como mirantes, ou antes degráos de verdura, que pelo monte acima acompanhão cada *lanço* do escadorio, offerecem a mais engraçada e vistosa perspectiva (3).

PRIMEIRO LANÇO DO ESCADORIO.

FONTE DO SENTIDO DA VISTA.

Representada esta fonte por uma figura em meio corpo, gravada na tarja em meio-relevo, lançando pelos olhos duas fortes correntes de purissima agua sobre meia bacia suspensa. Tem na mão esquerda uns oculos, e aos lados e por de cima tres aguias na acção de olharem para uma figura do sol, que está gravada no cimo da tarja.

---

(1) Tem todas de altura 3 varas e um palmo: e as correspondentes no 2.º escadorio 4 varas

(2) Mal poderá comprehendêla quem não fizer idêa perfeita de escada composta. A escada composta é formada de quatro lanços de degráos, dous de cada lado em direcção opposta: é pois evidente que deve de ter tambem tres patins, dous dos lados, onde vão dar os primeiros lanços, e donde sobem os segundos, e um no cimo, onde estes vão dar. Figurem-se pois oito destas escadas compostas com tres estatuas na frente dos patins, e além disso uma fonte por debaixo da estatua do ultimo patim; e ter-se-hão d'imaginação os escadorios.

(3) Vej. Estamp. 3.ª

Uma das maiores bellezas deste escadorio é a excellente escolha e propriedade, com que se achão abertas nas tarjas de cada fonte as figuras dos animaes, em que é mais distincto o sentido ahi allegorisado. Imitou o inventor o que delles diz S. Isidoro:

Nos aper auditu praecellit, aranea tactu,
Vultur odoratu, lynx visu, simia gustu (1).

Remata a fonte com a estatua d'um pastor, que tem a mão direita sobre o peito, o rosto reclinado sobre a esquerda, olhos fechados, e na peanha a inscripção (2):

VIR PRUDENS.

QUASI IN SOMNIS VIDE ET VIGILABIS.

ECCLES. C. 43. V. 17.

Corresponde-lhe do norte a estatua de Moysés, vestido de roupas talares, suspendendo a capa debaixo do braço esquerdo, na cabeça dous raios de luz, na mão direita uma vara com uma serpente enroscada, e na peanha a inscripção (3):

MOYSES.

QUEM CUM PERCUSSI ASPICERENT, SANABANTUR.

NUM. 21. 9.

A estatua do sul é a do profeta Jeremias, que tem na mão direita uma vara com olhos, e na peanha a inscripção (4):

JEREMIAS.

VIRGAM VIGILANTEM EGO VIDEO.

JER. 1.

---

(1) « No ouvir o javalí excede o homem,
« Vê mais o lynce, a aranha tem mais tacto,
« É nos mônos o gosto mais subido,
« E o abutre voraz vence-o no olfacto.

(2) « Varão prudente. « Toma-as por um sonho, e vigiarás. »

Representava d'antes esta estatua o pastor Argos, e tinha a inscripção:

MONTIS IN HAC SPECULA VIGILANTIOR EMINET ARGOS;
FOELIX, SI PRAE OCULIS TE FERAT ILLE SUIS.

« *Dos Argos o melhor, mais vigilante,*
« *Da serra sobre o viso aqui se altéa;*
« *Ditoso tu, se o seu olhar bondoso*
« *Com teus passos na vida se recréa.*

Diz a fabula, que Argos tinha cem olhos, dos quaes dormião cincoenta, em quanto os outros velavão: e por allusão a isto lhe havião aberto no saial muitos olhos, que inda agora tem.

Trocárão com razão esta inscripção pela da S. Escriptura, porque em verdade a Escriptura tem mais cabimento aqui, do que a fabula; mas não porque esta e as demais inscripções profanas, que se vêm ainda n'algumas estatuas, não tivessem sentido religioso. A do pastor Argos significava o amor, com que JESUS CHRISTO do alto da cruz vela sobre o seu povo, á similhança do pastor Argos, que de cima d'um penedo vigiava sobre seu rebanho.

(3) « Os que, estando feridos, olhavão para ella, saravão. »

(4) « Eu vejo uma vara vigilante. »

Em todas as fontes e estatuas do escadorio dos sentidos estão escondidos ao visitante mysterios, que só a reflexão e a piedade podem descobrir-lhe, preceitos evangelicos, exemplos para imitar-se, espelho de virtudes, castigo de costumes.

Quem sóbe ao calvario, deve esquecer as vans ostentações do mundo — quimericas illusões d'um sonho —; levar o coração puro, como o varão prudente; e não desviar os olhos da cruz de Jesus Christo, bussola infallivel nas procellas da humanidade, cujo symbolo foi no deserto para o hebreu a milagrosa serpente de Moysés. E suba destemido, que Deos prometteo ao profeta de receber os que o buscassem, e mostrou-lhes por signal a vara vigilante (1).

Mystica sublime! engenhoso invento do fundador do Sanctuario, que pela fermosa encosta acima vai convidando o visitante a consagrar ao Deos do ceo, e da terra, que breve adorará crucificado no templo majestoso, toda sua alma e pensamento!

SEGUNDO LANÇO.

FONTE DO SENTIDO DO OUVIR.

É Representada esta fonte por uma similhante figura, lançando pelos ouvidos duas fortes correntes d'agua; e com tres cabeças de touro por debaixo.

A estatua superior é d'um mancebo na acção de tocar em uma cithara, e com a inscripção (2):

IDITHUM.
QUI IN CITHARA PROFETABAT SUPER CONFITENTES
ET LAUDANTES DOMINUM. I. PARAL. C. 25. V. 3.

Do norte corresponde-lhe a estatua de David, com purpura real, diadema na cabeça, cabello solto em anneis, tomando no braço esquerdo parte

---

(1) S. Jeron., P.e Jac. Tir. e Duham. not. ao v. 11., S. Pedr. Ep. 1. c. 3. v. 12., e Psalm. 33. vv. 16. 17.

(2) « Que cantava ao som da cithara presidindo aos que cantavão e louvavão ao Senhor. »

Representava d'antes Orfeo, e tinha a inscripção:

ORPHEUS EN, NOSTRAS QUI DULCIUS ALLICIT AURES.
CRUX CITHARA EST, VOCES VULNERA, PENNA DOLOR.

« *Este Orfeo, que os ouvidos nos enléva,*
« *Que meigo assim as dores nos seréna,*
« *Tem por lyra uma cruz, tem fundas chagas*
« *Em vez de canto, e a dor em vez da penna.*

da capa, e na acção de tocar em uma harpa; e com a inscripção (1):

DAVID.

AUDITUI MEO DABIS GAUDIUM ET LAETITIAM. PALM. 50.

Do sul é a estatua d'uma mulher com semblante animado, plumas na cabeça, na acção de tocar em uma lyra; e com a inscripção (2):

ESPOSA DOS CANTARES.

SONET VOX TUA IN AURIBUS MEIS. CANT. 2.

Os ouvidos do Christão deveráõ sempre estar abertos para ouvir os louvores do Eterno; e de sua bôcca devem resoar canticos de gloria.

Que mais alto assumpto de musica e de poesia! Modelos do emprego d'uma e d'outra são na Lei antiga o celebrado cantor Iditho, e o santo Rei David, e na Lei da Graça a mystica esposa dos cantares, a Igreja de JESU CHRISTO.

TERCEIRO LANÇO.

FONTE DO SENTIDO DO OLFACTO.

É Representada esta fonte por uma similhante figura, lançando pelo nariz uma abundante corrente d'agua: tem uma caixa aberta nas mãos, e um macaco de cada lado.

Em logar dos castellos das armas do Arcebispo, que se vêm nas outras fontes, tem a esphera.

A estatua superior representa um homem sobraçando a capa com a mão

(1) « Vós me dareis a ouvir o que me encha de gosto e alegria. »

(2) « Sôe a tua voz nos meus ouvidos. »

O versiculo diz assim: « *Columba mea, in foraminibus petrae, in caverna maceriae, ostende mihi faciem tuam, sonet vox tua in auribus meis* » Pomba minha, tu nas aberturas da parede, na caverna do muro ensôsso, mostra-me a tua face, sôe a tua voz nos meus ouvidos. »

Os Padres da Igreja entendem no sentido mystico pela pedra as chagas das mãos e pés, e pela caverna do muro a chaga do lado; e assim como as pombas costumão de fazer seus ninhos nas aberturas das paredes e concavidades das penhas, assim JESU CHRISTO exhorta sua esposa a que venha criar seus filhos nas suas chagas, promettendo de defendêla das aves infernaes, que lh'os pretenderem rapinhar.

direita, e pegando d'uma flor com a esquerda; e na peanha tem a inscripção (1):

VIR SAPIENS.
FLORETE FLORES QUASI LILIUM ET DATE
ODOREM. ECCLESIAST. C. 39. V. 19.

Corresponde-lhe do norte a estatua de Noé, representada pela figura d'um velho aparamentado de vestes sacerdotaes, com trunfa na cabeça, altar ao pé de si, sustentando nos braços um cordeiro; e com a inscripção (2):

NOÉ.
ODORATUS EST DOMINUS
ODOREM SUAVITATIS.
GENES. 8.

Do sul é a estatua de Sunamites, abraçando-se com uma palmeira; e na peanha a inscripção (3):

SUNNAMITES (4).
STATURA TUA ASSIMILATA
EST PALMAE . . .
ET ODOR ORIS TUI
SICUT MALORUM.
CANT. CANTIC.
CAP. 7. VV. 7. e 8.

Mesquinhas são as forças do homem! Que ha nelle, que possa offertar ao Rei dos Reis, á Majestade das Majestades?! Mas o sacrificio de Noé, apenas

---

(1) « Varão Sabio ». « Dai viçosas flores como o lirio, e recendei flagrante cheiro.»

Éra d'antes jacintho, e tinha a seguinte inscripção:

SANGUINE, QUEM FUDIT, RUBET HIC HYACINTHUS IN HORTO.
MARCUIT, AT FUSI SANGUINIS EXTAT AMOR.

« *Rubicundo Jacintho ainda mostra*
« *O sangue seu, la no horto derramado;*
« *Inda, pendendo e murcho, aqui se ostenta*
« *Das tão preciosas gôttas orvalhado.* »

(2) « E percebeo o Senhor um suave cheiro.»

(3) « A tua estatura foi assimilhada a uma palmeira . . . e o cheiro da tua bôcca é como o das maçãs.»

Inscripção verdadeiramente evangelica; porque á similhança da palmeira, que vai crescendo e subindo como em escada de degráo em degráo pelo nascimento de cada palma, a Igreja eleva mansamente os fieis de virtude em virtude, insinuando-lhes pela prégação do Evangelho, — pelo som suavissimo da palavra Divina, o amor da Religião.

(4) Abisag era seu nome. Chamou-se Sunamites de sua patria Sunam, cidade da tribu d'Issacar.

desembarcado da arca mystica, que o salvou do diluvio para continuar a serie da humanidade, foi bem acceito do Omnipotente; e o arco d'alliança inda hoje nos revela por entre as nuvens do céo a ineffavel promessa de que não tornaremos a soffrer similhante castigo. Noé era justo, — e o suave cheiro das sanctas acções do justo — do verdadeiro sabio — sóbe até o céo: ser-lhe-hião engeitadas as victimas, se o não fôra; nem tivera occasião de offertálas, sepultado nas aguas com seus irmãos. Filhos da casta esposa de Jesu Christo, mais pura que a virgem esposa do Psalmista (1), cuidemos d'imitála, servindo humildemente ao Filho de David, e recenda em todas nossas obras e palavras a flagrancia da virtude.

QUARTO LANÇO.

FONTE DO SENTIDO DO PALADAR.

Representada esta fonte por uma similhante figura lançando pela bôcca uma grande corrente d'agua, com um pomo na mão esquerda, e um macaco de cada lado.

A estatua superior é de José o hebreu na acção de conduzir a oblação em um prato na mão esquerda e um calice na direita, — insignias do seu ministerio na côrte de Pharaó; e tem a inscripção (2):

JOSEPH.
DE BENEDICTIONE DOMINI IN TERRA EJUS, DE POMIS COELI, ET RORE..: DEUTER. C. 33. v. 13.

---

(1) 3. Reg. 1. 4.
(2) « A benção do Senhor faça encher a sua terra dos fructos do céo, nutridos polo orvalho ... »

Era d'antes Ganimedes com a inscripção:

NECTAR ET AMBROSIAM GANIMEDES DULCIUS OFFERT:
SANGUINE SIBI PROPRIO POCULA, CARNE DAPES.

« *Cuidoso Ganimedes nos derrama*
« *Nectar celestial, doce ambrosía:*
« *Em taças nos offerta o proprio sangue,*
« *Dá-nos a carne sua em iguaria.*

..

Corresponde-lhe do norte a estatua d'um mancebo com uma lança na mão direita, um cortiço ao lado esquerdo, e com o braço esquerdo em acção de desculpar-se; e na peanha a inscripção (1):

JONATHAS.

GUSTANS GUSTAVI IN SUMMITATE VIRGAE;
ET ECCE MORIOR!..
1. REG. C. 14.

A do sul representa um veneravel Sacerdote pegando com a mão esquerda d'um calice, sobre o qual está uma caveira (2), e com a mão direita sobre ella; e na peanha a inscripção (3):

ESDRAS.

GUSTA PANEM, ET NON DERELINQUAS NOS SICUT PASTOR IN MEDIO LUPORUM.
ESDR. 4. C. 5.

É o virtuoso José — porque provou o duro pão da desgraça sempre fiel, resignado e casto, — sentado no carro de Pharaó, entregue das riquezas do Egypto, e mais adiante asseguradas a seus irmãos pela professia de Moysés no monte Abarim as copiosas bençãos da terra promettida.

É o innocente Jonathas — porque gostou o manjar vedado, — tremendo na flor dos annos entre os loiros da victoria á vista do cutello, mas resignado e submisso á barbara (4) sentença de seu pai.

É o santo Sacerdote Esdras, a quem Salathiel recommenda que se erga e côma, porque é chegado o tempo de marchar com o povo d'Israel do distante captiveiro de Babylonia á reedificação do Templo de Jerusalem.

Em José imagem perfeita da felicidade, que espera o justo, — em Jonathas vivo exemplo de profundo respeito e cega obediencia de filho e subdito, — em Esdras lição evangelica para os pastores do povo de Deos; — eis aqui a moral, que ensina a S. Escriptura n'estes tres varões da antiga Lei.

---

(1) « Tomei um pouco de mel na ponta d'uma vara, e por isso morro!..»
(2) Deve ser um pão.
(3) « Toma o pão, e não nos abandones, como o pastor, no meio dos lobos.»
(4) Assim lhe chamão os Padres da Igreja.

QUINTO LANÇO.

FONTE DO SENTIDO DO TACTO.

É Representada esta fonte por uma similhante figura, lançando agua por uma botija, que tem debaixo do braço esquerdo (1). Tem muitas aranhas em derredor da tarja, e mais do que as outras fontes o brazão do Arcebispo bemfeitor.

A estatua superior é de Salomão, com purpura real, diadema na cabeça, sceptro na mão direita; e na peanha a inscripção (2):

SALOMÃO.
VENTER MEUS INTREMUIT
AD TACTUM EJUS.
CANT. C. 5. v. 4.

---

(1) A idêa do inventor tinha sido representar a figura na acção de apalpar com as mãos um ouriço cacheiro, do qual saíssem pelas púas e espinhos gôttas d'agua; com tudo a obra não correspondeo á idêa.

(2) « As minhas entranhas estremecêrão ao estrondo, que elle fez. »

Esta estatua tem tido differentes significações. Chamou-se ao principio Midas; e teve a seguinte inscripção, allusiva á qualidade fabulosa de converter em oiro todos os objectos, em que tocava:

DITIOR ECCE MIDAS; UTINAM CORDA OMNIA TANGAT!
AUREA, SINT QUAMUIS FERREA, REDDET AMOR.

« *Dos Midas o mais rico, assim podesse*
« *Os nossos corações tocar piedoso!*
« *De ferreos, como são, eil-os doirados*
« *Do seu amor ao toque portentoso.*

Teve despois o nome de Assuero com a inscripção:

SCEPTRUM AUREUM PROTENDIT MANU;
QUO SIGNUM CLEMENTIAE MONSTRABATUR. ESTH. 8. 4.

« Estendeo com a mão o sceptro d'oiro para lhe dar mostras de clemencia. »

E ultimamente pozerão-lhe o versiculo do Cantico dos Canticos de Salomão.

De todas as inscripções, é por certo a que agora tem, a mais sentenciosa. Todavia nenhuma das outras era impropria: porque a primeira significava a abundancia das graças espirituaes, com que JESU CHRISTO fertiliza nossos corações; e a segunda, referindo-se á benevolencia, com que Assuero ouvio as queixas de sua esposa Esther, mostrava quanto póde a verdade perante o throno, quando é exprimida com pureza e virtude, e dava um exemplo, pouco vulgar, mas sublime, d'um rei, que tapou os ouvidos ás suggestões e lisonjas de cortesãos para abri-los aos queixumes d'um povo atormentado.

Corresponde-lhe do norte a estatua do profeta Isaias, de roupas talares, sustentando na mão esquerda uma tenaz com uma brasa, pegando da capa com a direita, os olhos em elevação; e na peanha a inscripção (1):

ISAIAS.

TETIGIT OS MEUM.

ISAI. 6.

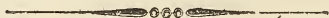
A estatua do sul é de Isaac, representado por um veneravel ancião cego, com a cabeça descoberta e mãos extendidas na acção de apalpar; e com a inscripção (2):

ISAAC CEGO.

ACCEDE AD ME, UT TANGAM

TE, FILI MI.

. . . . GENES. 22.

Como é cego e mal avisado o homem! JESU CHRISTO chama-o para si, busca entrada em seu coração pelos toques da graça (3); manda-lhe os profetas prometter-lhe o perdão de suas culpas, se fizer penitencia (4); dirige-o pelo caminho da verdade atravéz de seus erros e paixões (5); e ainda assim o homem, desvariado, desconhece os beneficios do Todo-poderoso!

Termina aqui o primeiro escadorio, ou dos cinco sentidos, chamado tambem escadorio antigo, porque data dos primeiros tempos do Sanctuario; e bem o dizem o gosto antiquado das fontes, e os degráos e paredes já carcomidas pelo tempo.

Este escadorio é como um pequeno mundo, que em si contêm quanto póde interessar o espirito do homem, tão vario em seus gostos e em suas propensões.

O homem exclusivamente religioso, cujo espirito anda todo enlevado nos arcanos do Céo, vai alli encontrar principios de religião, lições de moral, e nestas fontes e estatuas allegoricas pretende descobrir sempre um mysterio occulto, sobrenatural, que o ha de guiar pelo caminho da bemaventurança.

---

(1) « Tocou a minha bôcca. »

(2) « Chega-te para mim, meu filho, para tocar-te. »

Por debaixo desta estatua nasce d'uma rocha viva, parte da qual está descoberta, a agua das fontes dos quatro primeiros sentidos, e das divindades mythologicas.

(3) Sentido mystico do v. 4. C. 5. do Cant. dos Cantic. de Salomão, em que se figura JESU CHRISTO batendo á porta da esposa, e introduzindo a mão pela fresta para levantar o ferrolho.

(4) *Tetigit os meum* « tocou a minha bôcca »; — allusão aos prégadores da Fé, inspirados por Deos. O altar significa o Salvador, o profeta os ministros do Altissimo, a brasa a palavra Divina, e o toque nos labios de Isaias a inspiração, e o dom da persuasão.

(5) Assim fez a Isaac: e dirigindo-o pelo caminho da verdade, premiou tambem as virtudes de Jacob.

O mancebo d'animo ardente admira a grandeza das estatuas, a engenhosa construcção das fontes, o desafogado e a largueza de cada um dos *lanços* do escadorio, porque são obra do homem, e a alma do mancebo é embebida nas vaidades do mundo, e mede a grandeza dos objectos pelo fogo de seu coração. Estas mesmas fontes, que ao primeiro revelão mysterios da Igreja e lições evangelicas, despertão no coração do segundo doces sentimentos; e ao cadencioso e melancholico susurrar da agua, sentado junto d'ellas, entôa canticos de ternura.

Mas o homem prudente, — que regúla seu pensamento pela razão, — e a quem uma longa serie d'annos de meditação tem afeito o espirito a medir pela realidade a grandeza das obras do homem, nem despreza, como o primeiro, as bellezas da natureza, nem se entrega cegamente, como o segundo, ás doces sensações da alma, e ás apaixonadas vozes do amor.

O homem prudente admira o brincado das fontes, suas engenhosas allegorias, e dando ao mundo o louvor, que merece o mundo, contempla tambem na relação das fontes com as sentenças da S. Escriptura a providencia de Deos, que em cada objecto nos revela uma regra de nossas acções.

II.

Do escadorio das tres virtudes (1).

O Escadorio moderno, ou das tres virtudes é continuação do antigo.

Regular como este, e com numero igual de estatuas e fontes nos sitios correspondentes, formão os dois escadorios uma só peça inteira.

Os ultimos degráos da escada composta do quinto sentido vão dar

(1) A porção do monte, em que se hoje acha construido o escadorio moderno, esteve d'antes repartido em obras differentes.

Pegado com o primeiro escadorio havia um pateo irregular, donde subião encostados ás hortas dois lanços d'escadas de 15 degráos cada um. Ao cimo destes estava um patim quadrangular de 10 e ½ varas de comprimento sobre 20 e ½ de largura com seus assentos e parapeitos; e ahi, no sitio onde é tradição ter sido a primeira ermida, lia-se sobre uma comprida lapide a seguinte inscripção:

A
SEPOLTURA
QUE MANDOU
FAZER P.° DO
ROSAREO
PRIMEIRO IR-
MITÃO
EM 1647.

Não me consta que houvessem sido encontrados os ossos deste ermitão: e apenas ouvi que no entulho das novas obras apparecêra uma caveira. A lapide, segundo fui informado, acha-se agora no pavimento do ultimo patim do *lanço* da caridade.

Do norte delle elevavão-se dois grandes e decalvados penedos, massiços e redondos. No de baixo, que era mais pequeno do que o outro, estava a estatua de Moysés na acção de arremessar com a vara contra o penedo, donde rebentava uma abundante corrente d'agua; e com a inscripção:

PERCUTIENS BIS SILICEM VIRGA
EGRESSAE SUNT AQUAE LARGISSIMAE.
NUM. 20. 11.

« Ferindo duas vezes com a vara a pedra, sairão aguas copiosissimas. »

Em derredor do penedo vião-se outras estatuas na attitude de tomar da agua: o que alludia á sêde dos Israelitas no acampamento de Raphidim.

Sobre o outro penedo havia sido edificada a torre do templo antigo.

Entre estes dois penedos ía embutida uma escadinha de pedra para a casa da torre. Parte della ainda se conserva.

Neste mesmo patim, chamado *da fonte do penedo* por ficar junto della, encontrava-se sobre

a um patim quadrado (1) por detraz da estatua de Salomão, do qual se entra por entre duas elegantes columnas para um espaçoso plano quadrangular (2), tapado de norte e sul por altas paredes com seus vasos de piteiras, e de poente por parapeitos acompanhados de assentos de cantaria.

Este sitio é um dos mais risonhos do monte do Sanctuario, porque já sobre grande elevação principía de desfructar-se muito variada vista de longe.

Momentos de consoladora suavidade alli se deslizão ao visitante, quando encostado ás columnas, ou repousado em um dos assentos, e reclinado por sobre o parapeito deixa pascer seus olhos por essa campina, que em frente se abre, tão verdejante e alegre. Que deliciosas horas de doce embriaguez não gozei eu ahi por tantas vezes! Subindo vagarosamente pelos passeios desde o portico a gozar da suave fresquidão das compridas ramadas ao compassado murmurio das fontes, e trepando despois pelo escadorio, admirando de cada vez mais a grandeza desta obra, a variedade de seu gosto, e a fecunda imaginação de seu auctor nessas allegorias tanto ao vivo representadas pelas fontes e estatuas: descançava sempre em um dos assentos deste plano; e voltando-me para o occidente, deixava recrear-se a alma com mil variadas considerações, que então se me amontoavão d'envolta na imaginação. Deos—o mundo — a eternidade — affectos d'alma — tudo me absorvia o pensamento: e despois se ía meu espirito alongadamente correndo a juntar-se com o frescor dessas varzeas, com o tumultuar dessas immensas povoações, que me ficavão diante dos olhos, a mergulhar-se no oceano, que lá no horizonte se enxergava como denso e comprido nevoeiro; e um leve bafejar do vento, e um passarinho fendendo o ar, e o mover-se uma folha na mata, que já me ficava sotoposta, e um tinir no campanario distante de velha torre, tudo me arrobava o espirito, me captivava a attenção, e dava logar a mil encontradas cogitações. Fermoso sitio — que não sei que magía tinha para de cada vez me parecer mais encantador!!

O escadorio moderno compõe-se de tres *lanços*, allusivos ás tres virtudes Fé, Esperança, e Caridade, que alli são representadas pela seguinte maneira.

---

um plano de 4 varas d'ambito uma gruta com a imagem de S. Maria Magdalena embevecida na contemplação d'um côro d'anjos, um dos quaes tinha pendente da mão o seguinte letreiro:—*Veni, Sponsa Christi, accipe coronam* — « Vem, Esposa de Christo, recebe a corôa ». Dentro della rebentava d'uma rocha viva uma fonte, que certamente alludia á que a historia conta ter o Senhor, a rogos da Santa, feito nascer dentro na gruta de Marselha, onde ella viveo 30 annos de penitencia.

Aos lados desta gruta subião-se em meio caracol sete degráos de cada lado para o adro do templo antigo.

(1) De 3 varas de quadro.

(2) De 13 e ½ varas de comprimento sobre toda a largura do escadorio.

PRIMEIRO LANÇO.

FÉ.

NA frente do plano, de que fallei, elevão-se em semicirculo oito degráos, ao cimo dos quaes ha um patim (1) com uma fonte, representada por uma cruz simples arvorada sobre calvario dentro d'um nicho (2), lançando pelas aberturas das mãos e pés tres frouxas bicas sobre uma bacia.

Esta fonte deve merecer a attenção do visitante por sua elegante architectura, e porque, não estando encostada a nenhum dos lados do nicho, donde lhe possa ser directamente communicada a agua, toda esta repuxa pela hastea da cruz para cada uma das aberturas.

Por de cima da cruz, ainda dentro do nicho, lê-se o seguinte letreiro (3):

EJUS FLUENT
AQUAE LARGISSIMAE.
JOAN. 7. 38.

A estatua superior representa a Fé na figura d'uma mulher com o rosto meio coberto, um calice com hostia na mão esquerda, e na acção de apontar para o ouvido com o indice da direita; e tem na peanha a inscripção (4):

FIDES ... ARGUMENTUM NON APPARENTIUM ... EX AUDITU; AUDITUS AUTEM PER VERBUM CHRISTI. AD HEBR. 11. 1. ROM. 10. 17.

Corresponde-lhe do norte a estatua da Docilidade, representada por uma mulher com o braço esquerdo levantado apertando com a mão uma serpente, e na attitude de amostrála: tem o braço direito estendido a pegar d'um escudo, em que se vêm em meio-relevo a cabeça d'um elefante, e por de cima della um

(1) De largura 6 varas e $\frac{1}{2}$, e de comprimento 4 e um palmo.
Os seguintes patins correspondentes são um pouco menores, e os dos lados tem a medição dos correspondentes do 1.º escadorio.

(2) De 3 varas de altura sobre uma e $\frac{1}{2}$ de largura.

(3) « Della correrão rios d'agua viva.»

(4) « Fé ... evidente prova das cousas, que se não vêm .... A fé procede do que se tem ouvido; e tem-se ouvido por se ter prégado a palavra de Christo. »

relogio d'areia coberto com uma serpente, e aos lados desta dois espelhos voltados um para o outro. Na peanha tem a inscripção (1):

DOCILIDADE.
CORDE ENIM CREDI-
TUR AD JUSTITIAM.
AD ROM. 10. 10.

A estatua do sul é da Confissão, sustentando na palma da mão esquerda as taboas da Lei de Deos, e na acção de amostrálas com o indice da direita; e tem a inscripção (2):

CONFISSÃO . . .
ORE AUTEM CONFES-
SIO FIT AD SALUTEM.
AD ROM. 10. 10.

SEGUNDO LANÇO.

ESPERANÇA.

NO sitio correspondente está construida em um nicho similhante ao antecedente outra fonte, representada pela arca de Noé poisada sobre a montanha, e por debaixo della discorrendo veios de crystallina agua para a base, sobre que a montanha se figura assentada, e d'ahi para uma mesa.

A construcção desta fonte é por certo muito engenhosa; e o nicho, a arca, a mesa, tudo é rico de graças, e adornado de delicados e bem trabalhados lavores.

Dentro do nicho, e acima da fonte lê-se o seguinte letreiro (3);

ARCA IN
QUA . . . ANIMAE
SALVAE FA-
CTAE SUNT . . .
1. PETR. 3. 20.

---

(1) « Por que com o coração se crê para alcançar a justiça. »
(2) « Mas com a bôcca se faz a confissão para alcançar a salvação. »
(3) « Arca, na qual se salvárão . . . almas. »

A estatua superior representa a Esperança, pegando com a mão esquerda d'uma ancora, e com o braço direito alevantado na acção de segurar uma ave, que forceja por escapar-se; e na peanha tem a inscripção (1).

ESPERANÇA.
SPECTANTES BEATAM SPEM
ET ADVENTUM GLORIAE.
AD TIT. 2. 13.

Corresponde-lhe do norte a estatua da Confiança, com os cabellos soltos, e sustentando nas mãos um navio a todo panno; e na peanha a inscripção (2):

CONFIDENTIA.
... IN SPE ERIT FOR-
TITUDO VESTRA.
ISAI. 30. 15.

Do sul corresponde-lhe a estatua da Gloria, representada pela figura d'uma mulher ricamente vestida com roupão e manto lavrado d'estrellas, e com a cabeça cingida d'uma faxa cravejada de perolas: tem o braço direito alevantado a segurar uma figura do sol, e com a mão esquerda traça a capa, e pega d'uma palma. Ao lado esquerdo tem sobre a base um globo, e no sitio proprio a inscripção (3):

GLORIA.
... OCULUS NON VIDIT
NEC AURIS AUDIVIT.
1 CORINT. 2. 9.

---

(1) « Aguardando a esperança bemaventurada, e a vida gloriosa. »
(2) « A vossa fortaleza estará na esperança. »
(3) « O olho não vio, nem o ouvido ouvio. »

TERCEIRO LANÇO.

CARIDADE.

Este lanço ainda não está concluido ; mas consta-me que o risco da fonte e estatuas é o seguinte. A fonte é representada por dois meninos em pé , sustentando nas mãos um coração , donde sáe uma corrente d'agua.

A estatua superior será a da Caridade , apontando ao coração com a mão direita , e sustentando com a esquerda o seguinte letreiro (1) :

DILIGES DOMINUM DEUM TUUM
EX TOTO CORDE TUO . . . PROXIMUM
TUUM , SICUT TE IPSUM.
MATTH. 22. 37. 39.

Na peanha terá a inscripção (2):

TRIA HAEC . . . MAJOR AUTEM
HORUM EST CARITAS.
AD COR. I. CAP. 13. 13.

Do sul a estatua da Paz com um ramo d'oliveira na mão direita , com a esquerda aberta, os olhos em elevação, e na peanha a inscripção (3) :

IN PACE IN IDIPSUM
DORMIAM , ET REQUIESCAM.
PSALM. 4. 9.

Do norte corresponder-lhe-ha a estatua da Benignidade , cujo modelo, segundo me consta , ainda não está feito.

(1) « Amarás o Senhor teu Deos de todo o teu coração . . . e o teu proximo como a ti mesmo.»
(2) « Estas tres . . . porém a maior dellas é a Caridade. »
(3) « Eu a um mesmo tempo dormirei , e descançarei na paz. »

Com este terceiro *lanço* fica concluida a grande obra dos dois escadorios, tão brilhante pela variedade, bom gosto, e engenhosa construcção de suas fontes e estatuas, e especialmente tão rica de pensamentos religiosos.

« Medita nos mysterios da paixão de JESU CHRISTO; observa a moral do Evangelho; segue o exemplo dos santos varões, a quem Deos concedeo a sua graça » — eis aqui as primeiras lições, que ensina o christianismo. Doutrinado com ellas, preparado, para assim dizer, com as primeiras idêas d'uma bemaventurança após esta vida, resta ao homem um só degráo para chegar ao Templo da Gloria: — ter Fé, porque JESU CHRISTO prometteo o paraiso aos que com o coração e com os labios crêssem e confessassem, que elle é o Filho de Deos resuscitado d'entre os mortos (1): — ter Esperança, porque sem ella deixáramos quebrar-se contra os cachopos do mundo o baixel da nossa salvação; e a palavra de CHRISTO, e a promessa d'uma vida futura é a ancora, que sustenta nossa esperança: — ter finalmente Caridade, porque esta torna o homem perfeito. « Ama teu proximo por amor de Deos » eis a maior perfeição do homem. Com a fé sómente póde elle esperar e ser justo; mas a perfeição têl-a-ha, se tiver caridade, porque a caridade é a columna mystica da Igreja, estribada sobre dois pés, o amor de Deos, e do proximo, tendo por base d'oiro a Fé e a Esperança (2).

Esta é a estrada, que Deos traçou ao homem para o Templo da sua Gloria; e o que a percorrer, ha de encontrar patentes as portas do Templo, e um côro d'anjos virá entre canticos recebêlo. E esta estrada é ensinada ao visitante no monte do Sanctuario: porque as capellas da paixão; a fonte das cinco chagas, emblema vivo dos tormentos do Salvador (3); as estatuas e fontes dos sentidos, apontando ao homem a Lei do Evangelho, e amostrandolhe as duas paginas do livro da vida; e finalmente as tres virtudes, abrindolhe o ultimo caminho da salvação, vão-no pouco e pouco guiando por todas as veredas da vida a lavar-se nas aguas da purificação, representadas mais acima pela majestosa cascata, para entrar puro no Templo da Gloria, que lá no alto se eleva como o termo de todos os trabalhos, o prémio de todas as virtudes.

Singular grandeza! Digno objecto de profundas reflexões! Fertil e rara imaginação de quem na encosta de elevado monte soube pintar com as côres do mundo os mysterios da religião, o mundo e a eternidade, e guiar d'um modo insinuante o homem por todos os degráos da vida ao Templo da Gloria!

Cada um dos *lanços* do novo escadorio é tapado de norte e sul por objectos differentes.

(1) Epist. ad Rom. C. 10. vv. 8. 9. 10.

(2) Assim se exprimem os Padres da Igreja.

(3) Os Padres da Igreja entendem no sentido mystico por JESU CHRISTO a pedra, e pelas chagas as aberturas desta.

O primeiro tem fermosos e espaçosos (1) jardins com seu repuxo, para os quaes se entra dos primeiros patins por grandes e bem trabalhadas portas de ferro. Sobranceiro ao do sul, e deste mesmo lado ha um pequeno e melancholico retiro com uma mesa de cantaria debaixo de um frondoso teixo, donde se desfructa uma bella vista sobre os escadorios, mata, e campina até o mar.

O segundo tem pelo sul o quartel chamado *sala grande*, que fica ao nivel do jardim, e para elle lança janellas (2): e pelo norte uma varanda, inda por acabar, construida sobre o penedo da antiga fonte de Moysés, o qual para esse fim se acha quasi inteiramente soterrado pelas obras do escadorio, e communicada com a casa ou quartel da torre por alguns degráos da escadinha, que d'antes ía embutida entre aquelle penedo, e o da torre do templo (3).

Este quartel, chamado *da torre* por ficar junto da antiga torre do templo, é construido sobre enormes e descalvadas penedias a prumo sobre o jardim do norte, e tem ao poente varandas, que por sua elevada posição offerecem um dos mais agradaveis pontos de vista do monte. Gozar ahi as doces impressões d'uma madrugada de verão, ou ainda melhor em tarde de primavera despois de chover, quando a atmosfera está pura, o ar sereno e fresco, o horizonte inda rôxo dos ultimos raios do sol, a terra coberta de verdura, e exhalando um vapor suave e odorifero, presenciar então d'ahi o caír do dia ... póde-se dizer e sentir, mas não descrever!

O terceiro *lanço* tem as capellinhas de S. Pedro e de S. Maria Magdalena inda incompletas.

Sobre o penedo, em que esteve a torre do antigo templo, eleva-se agora sobre grossa peanha a estatua equestre de Longuinhos com murrião na cabeça, escudo embraçado, e lança em punho, montado em um soberbo e bem ajaezado cavallo (4), e tem na peanha a inscripção:

LONGUINHOS.
1819.

Com que sentido foi alli collocada aquella estatua? Que relação tem com o escadorio das virtudes o Longuinhos a cavallo? Ninguem me justificou tal lembrança. Seu auctor tinha votado ao Sanctuario uma estatua equestre por escapar da morte um seu filho, que havia dado uma perigosa quéda. Em vão o aconselhárão seus amigos, que trocasse por avultado donativo aquella offerta. Teimou: e o effeito foi essa estatua, que é em verdade admiravel por ter sido formada d'uma só pedra enorme, cuja conducção para alli foi sobre-

(1) Tem cada um 3 varas e $\frac{1}{2}$ de norte a sul, e 17 e $\frac{1}{2}$ de nascente a poente.

(2) Ouvi que por ser esta casa muito inferior em elevação á da torre projectão deitála abaixo, para sobre suas ruinas levantar uma varanda correspondente á fronteira, e construir outra casa em posição mais elevada. Este projecto é gigantesco: todavia accredito que não deixará de realizar-se, confiado na boa administração da Mesa actual, que sendo ha annos eleita, quando uma crise assustadora ameaçava o Sanctuario, tem sabido por seu crédito pessoal, economia, e prudencia elevâlo do abatimento, em que jazia, ao estado brilhante, em que hoje se acha.

(3) Vej. pag. 24. not. (1)

(4) Estampa 3.ª n. 3.

modo difficil e dispendiosa (1). Cumprio o que desejava. — que de bem longe se avista; mas não serão talvez muitos os que lhe lisonjêem o gosto.

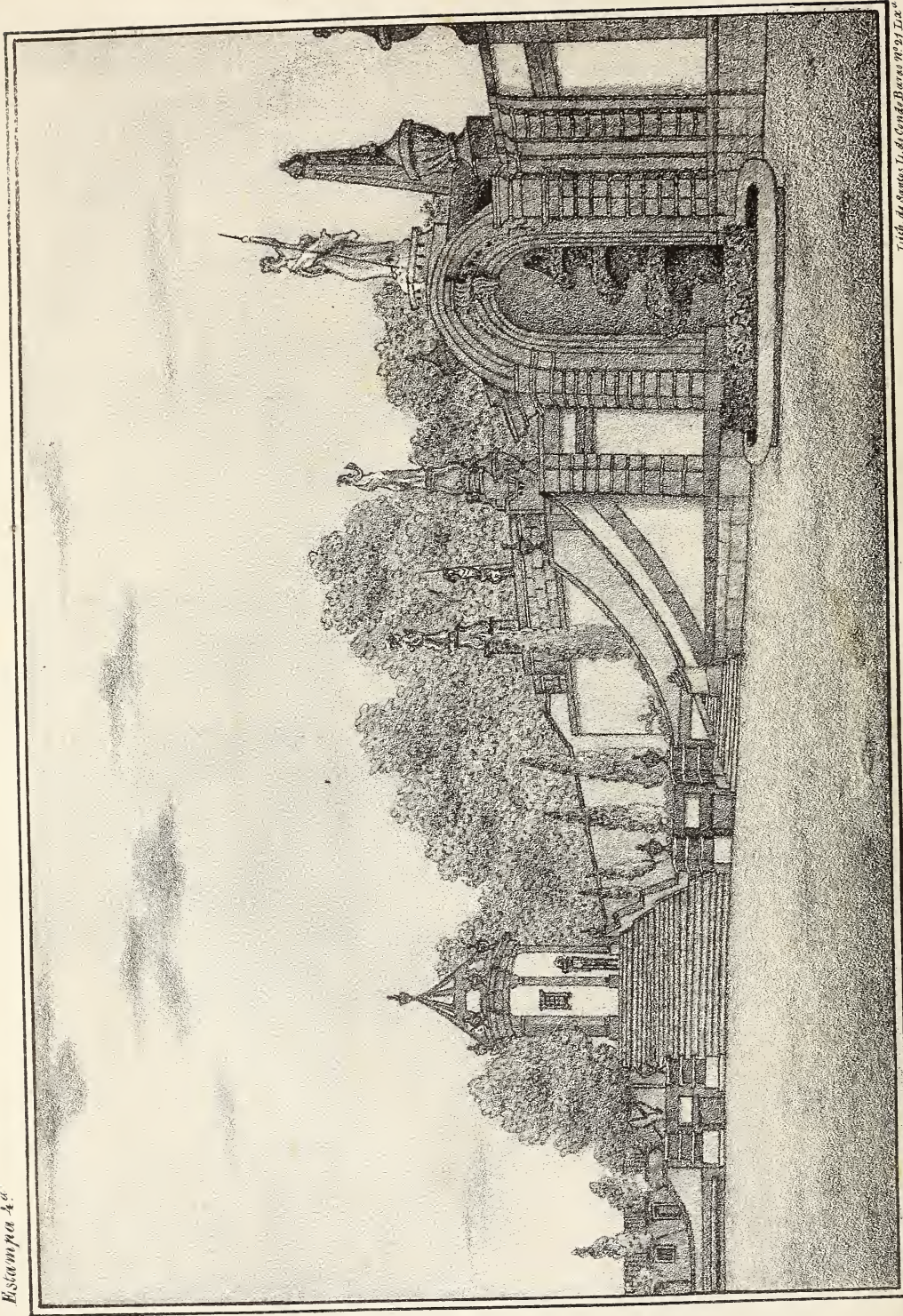
Tenho conduzido o visitante até ao cimo dos dois escadorios perto da cascata. Que terá elle pensado de tudo o que tem visto? Que lhe terá agradado mais? Idèas religiosas tiverão de sobejo os auctores desta obra, e não ouso de julgar, qual das duas primeiras partes do monte seja mais abundante dellas. Mas quanto a graças da natureza, poesia e sentimento não hesito em dar a palma á primeira.

O portico é um primor d'arte; e os passeios, que conduzem d'umas para outras capellas, abertos na encosta d'uma montanha escabrosa e semeada de duras e alcantiladas penedias, que foi mister romper, são productos de fertil imaginação, e obra de forçoso trabalho. Mas com estas maravilhas da arte estão reunidos todos os encantos da natureza; e o melancholico sombreado da mata, basta e sem clareiras, e a serena fresquidão, de que se goza por ahi em dias calmosos *ao limpido jorrar das frescas fontes* por debaixo de copada verd'escura ramada, produzem n'alma fortes e profundissimas impressões, — tornão d'este sitio um pequeno Bussaco, que inspira sentimentos de virtude, de religião, de amor. Por todo o escadorio até o templo o ar é limpo e desaffrontado: corpulentas estatuas, fontes vistosas e admiraveis por suas allegorias, bem lançadas escadarias, e em alguns pontos soberbas perspectivas, eis aqui toda a belleza dos escadorios.

Qual deva preferir-se, não hesitei desde a vez primeira, e não hesitará quem for sensivel. As grandezas dos escadorios não tocão o coração; e o mais que produzem, é sentimento de admiração pelo genio de seus auctores, e de respeito pelas verdades, que se ahi achão representadas.

---

(1) Consta-me que esta estatua quebrára no acto de a collocarem sobre a peanha, o que todavia lhe não deixou defeito saliente.

Estampa 4.ª

Caggiani lith.

Lith. de Santos R. do Conde Barão N.º 21 Lx.ª

CASCATA, ESCADARIA, E CAPELLA DO DESCENDIMENTO COM PARTE DAS ESTATUAS DO ADRO DO TEMPLO, E ARVOREDO DO PRINCIPIO D'AVENIDA.

III.

Da Cascata.

REmatão os escadorios com a Cascata (1).

Do ultimo *lanço* do escadorio das virtudes entra-se para um elegante e espaçoso plano em meia laranja (2) com seus parapeitos e assentos.

Em frente delle, dentro d'um grande nicho (3) aberto em uma grossa parede oval, está a cascata representada por um pelicano na acção de espicaçar no peito, donde brotão em abundante chuveiro fios de purissima agua, que esparzindo-se per sobre duas taças semicirculares, e proporcionalmente maiores uma do que a outra, toscamente feitas de granito picado e aguçado, vem caír em outra maior e da mesma fórma, que está poisada no chão (4).

Sobre o nicho acha-se uma grosseira estatua de Moysés, que nenhuma circumstancia tem, que desperte a attenção, senão o desagradavel contraste de sua figura tosca com a elegancia da cascata.

Duas vistosas escadarias de 27 degráos (5) com pequenos jardins entre seus parapeitos e os do templo, conduzem em meio caracol a um patim (6) sobre a cascata; o qual é um dos mais bellos pontos da montanha, porque, ficando sobranceiro á mata e aos escadorios, como a sua varanda superior, delle se desfructa a perspectiva d'ambos os escadorios, que em suave declive parece irem-se desenrolando; — vê-se por de cima da ramada quasi toda a mata, que cobre os passeios desde o portico; — e goza-se ao longe da mais arrebatadora vista de terra e mar.

Era este tambem um sitio, que eu não podia deixar de visitar com muito interesse, sempre que ía ao Bom Jesus. Que doces sensações alli não experi-

---

(1) Estampa 4.ª

(2) De 21 varas de comprimento sobre 30 de largura.

(3) De 6 varas d'altura, e 2 e ½ de largura.

(4) A primeira tem 7 palmos de diametro; a segunda 2 varas; e a terceira 4.

A agua vem para a cascata, e para as fontes do segundo escadorio e do quinto sentido, d'uma nascente por de traz do templo.

(5) De 5 varas de largura, e 7 de distancia do nicho.

(6) De 3 varas e ½ de comprimento sobre 15 e ½ de largura.

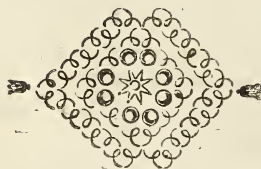
mentei, umas vezes em fresca manhã d'Agosto ao levantar-se a aurora; e outras em fins de tarde calmosa, presenciando d'alli o pôr do sol tão majestoso por entre açafroada aureola de matizadas nuvens!

Fermoso sitio!

« Quem sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céos, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha hi mais bello no universo,
Não sentio arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida?!

....
....
....

Amena estancia!
Throno da vecejante primavera!
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora da vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá?!» (1) ....

(1) Sr. Garrett.

Terceira Parte.

Capellas do descendimento e calvario, adro e templo, notas biographicas do seu architecto, avenida e alameda, terreiro dos Evangelistas, passeio da mãi d'agua, e resto do monte.

I.

Capellas do descendimento e calvario.

DA meia laranja da Cascata sóbe para norte ou á esquerda do visitante uma escadaria de 26 degráos de 8 varas e $\frac{1}{2}$ de largura em quatro lanços. Na frente della está edificada a capella do descendimento sobre um andaime, que tem em volta entre os parapeitos e a capella duas varas de largura. É oitavada (1); e tem sua elegante cupula tambem oitavada, que termina em ponta aguda com uma pyramide em cima, sua porta verde e almofadada com largas gelosias de ferro, e sobre esta em uma pedra quadrada e com characteres muito miudos a seguinte inscripção (2):

... DEPONENTES EUM DE LIGNO.
ACT. APOST. C.19. V. ...

Communica com o adro do templo por um pequeno passeio (3); e á esquerda abre-se a grande avenida, de que mais adiante fallarei.

Esta capella deve merecer a attenção do visitante pela elegancia de sua architectura, viveza e naturalidade de suas figuras, e propriedade, com que se acha representado o acto do descendimento da cruz.

A' direita della descem-se por uma abertura nos parapeitos alguns degráos para a casa da torre, officinas, casas de capellães, alguns quarteis de romeiros, e estalagem, que estão em correnteza.

Do lado fronteiro está a montanha por ora em bruto; mas projecta-se edificar alli outra capella — a do calvario — pelo mesmo gosto da do descendimento, e com uma igual escadaria para a meia laranja da cascata, e passeio para o adro do templo.

---

(1) Tem 6 varas e um palmo de altura até a cornija; e 3 varas de largura em cada panno. Vej. Estampa 4.ª

(2) « Descendo-o da cruz.»

(3) De 18 varas e $\frac{1}{2}$ de comprimento sobre 6 e $\frac{1}{2}$ de largura.

No principio deste passeio esteve d'antes sobre o parapeito a fonte de Jano, lançando agua para dois lados oppostos, — assim chamada em allusão á fabula deste Rei.

Hoje nenhuns vestigios della alli existem.

II.

Do adro do Templo.

Do patim, que fica por detraz da cascata, sóbem-se para o adro do templo seis degráos de 14 varas de largura.

O adro appresenta em frente do templo um quadrilongo de faces desiguaes; e é pouco espaçoso em proporção com o templo: pois tem de largura sessenta varas, e de comprimento apenas onze. Tem sobre seus parapeitos em grossos e bem trabalhados pedestaes oito estatuas pelo gosto das do escadorio antigo, cada uma com a inscripção e attitude appropriada ao passo da S. Escriptura, que representa, e distantes umas das outras sete varas e meia, com assentos de cantaria acompanhando os parapeitos nesse intervallo.

Quatro dellas guarnecem a metade do adro pelo norte; e são as seguintes.

I.

José de Arimathea appresentando a Pilatos uma petição; e com a inscripção (1):

JOSEPH
DE
ARIMATHEA.
HIC ACCESSIT AD PILATUM, ET PETIIT CORPUS JESU.
LUC. CAP. 23. V. 52.

II.

Nicodemos com uma taça na mão esquerda; e a inscripção (2):

NICODEMOS.
. . . FERENS MISTURAM MIRRHAE ET ALOES QUASI LIBRAS CENTUM.
JOAN. C. 19. V. 63.

---

(1) « Este foi ter com Pilatos, e pedio-lhe o corpo de Jesus. »
(2) « Trazendo uma composição de quasi cem libras de myrrha e aloé. »

III.

O Centurião, representado por um corpulento soldado Romano, vestido d'armas, escudo no braço esquerdo, lança na direita; e com a inscripção (1):

CENTU-
RIÃO.
... VERE HIC HOMO FILIUS
DEI ERAT.
MARC. CAP. 15. V. 39.

IV.

Pilatos em acção de receber a petição; e com a inscripção (2):

PILATOS
GOVERNA-
DOR DA JUDEA.
TUNC PILATUS JUSSIT
REDDI CORPUS.
MATH. CAP. 27. V. 58.

Referem-se estas estatuas ao devoto zêlo, com que os dois discipulos de JESU CHRISTO, José de Arimathea e Nicodemos, alcançárão de Pilatos o corpo de seu Mestre para o depositarem envolto em toalhas aromaticas, como costumava de fazer a gente judaica para conservar os corpos. Estão por isso do lado da capella do descendimento da cruz, a cujo acto são relativas essas inscripções (3).

As outras quatro estatuas compoem o outro lado do adro; e são as seguintes:

I.

O Pontifice Annaz com a inscripção (4):

ANNAZ.
ET MISIT EUM ANNAS
LIGATUM AD CAIPHAM
PONTIFICEM.
JOAN. CAP. 18. V. 24.

---

(1) « Verdadeiramente este homem era filho de Deos. »

(2) « Pilatos mandou então que se lhes désse o corpo. »

(3) A' excepção da do centurião, que não é propria por ser antes allusiva ao momento da morte de JESU CHRISTO, do que ao seu descendimento da cruz; e que por isso devêra ser trocada pela seguinte:

... ET CUM COGNOVISSET A CENTURIONE, DONAVIT CORPUS JESU. MARC. CAP. 15.

« E despois que o soube do centurião, deu o corpo de JESUS. »

(4) « E Annaz o enviou manietado ao pontifice Caiphaz. »

II.

O pontifice Caiphaz na attitude de rasgar os vestidos, como custumavão de fazer os ministros da Synagoga, e em geral todos os judeos em signal de grande magoa, ou de horror, quando ouvião uma blasfemia, e em protestação de vingança; e tem a inscripção (1):

CAIPHAZ.
. . . SCIDIT VESTIMENTA
SUA, DICENS:
BLASPHEMAVIT.
MATH. CAP. 25. V. 65.

III.

Herodes, com a inscripção (2):

HERODES.
ET ILLUSIT INDUTUM VESTE ALBA,
ET REMISIT AD PILATUM.
LUC. CAP. 23. V. 11.

IV.

Pilatos na acção de entregar o titulo em hebraico, grego e latim para a cruz; e tem a inscripção (3):

PILATOS
GOVERNADOR
DA JUDEA.
. . . TRADIDIT EIS ILLUM, UT
CRUCIFIGERETUR . . .
SCRIPSIT AUTEM ET TITULUM
HEBRAICE, GRAECE, ET LATINE.
JOAN. CAP. 19. VV. 16. 19. 20.

Recordão estas estatuas os desprezos e ignominias, que JESU CHRISTO soffreo da casa d'Annaz para a de Caiphaz, e d'esta para a de Herodes, até receber a sentença de condemnação em casa de Pilatos: e referem-se por isso á capella do calvario, que hade ser construida da banda do sul defronte da do descendimento.

(1) « Rasgou as suas vestiduras, dizendo: blasphemou. »

(2) « E fez escarneo delle, tendo-o mandado vestir d'uma vestidura branca, e tornou-o a enviar a Pilatos. »

(3) « Entregou-lh'-o para ser crucificado . . . e escreveo tambem um titulo em hebraico, grego e latim. »

Aos lados do templo estende-se o adro sem fórma regular: todavia ha o projecto de terraplenar o monte pelo lado do norte até a avenida, e do outro lado um espaço igual; e edificar em cada um desses terreiros uma casa sobre nove arcos para hospedaria dos romeiros e visitantes, a quem a Mesa costuma de franquear os demais quarteis, que agora existem, a troco d'uma esmola méramente voluntaria.

Esta obra é grande, e por ventura de muito bom gosto; porque além de offerecer um aposento commodo e aceiado ás pessoas, que todos os dias concorrem ao Bom Jesus, dará subido valor e elegancia a estes dois terreiros. Por ora só existe parte da casa á direita do templo, a qual, assim mesmo incompleta, é já espaçosa, e tem fermosas salas. Ahi passei algumas vezes dias aprazíveis na companhia de muitos, e muito estimaveis amigos de Braga. Certamente é um costume bem louvavel o destas reuniões amigaveis no Bom Jesus do Monte. Neste calamitoso tempo de dissensões politicas, que prazer não é ver alli com tanta frequencia reunidas pessoas de opiniões inteiramente differentes e de partidos diametralmente oppostos, convivendo tão affectuosamente, e com tamanha franqueza e confiança, como se fôra uma só familia dos mesmos sentimentos, dos mesmos desejos, das mesmas idêas!

Mas não pareça isto estranho; porque a gente de Braga é por natureza sociavel, e tem a prudencia necessaria para abafar suas paixões e interesses particulares, quando é mister sacrifical-os á concordia entre amigos, e ao bom nome da sua patria.

Talvez alguem me julgue exaggerado [que tão má é ao longe a fama de Braga (1)]. Confesso que sou devoto de Braga; e deixar de o confessar fôra ingratidão ao bom acolhimento, de que eu e alguns de meus mais proximos parentes somos devedores a muitos de seus habitantes. Todavia conheço tambem por experiencia que este espirito de sociabilidade e obsequiosas maneiras dos Braguezes, especialmente para os estranhos á sua terra, são dotes naturaes.

Porém, se ainda assim alguem pensar desfavoravelmente dos Braguezes, aconselho-o a que vá a Braga; — que sonde o coração e os costumes dos Braguezes; — que procure conviver com elles; — que lhes pague amizade com amizade, franqueza com franqueza: — e então conhecerá que não sou lisonjeiro, e que, se tamanha tendencia tenho para esta terra, devo-a ao merecimento das pessoas, com quem alli convivi.

Muito folgára eu que estas Memorias, levando a toda parte idêas mais favoraveis e sinceras dos Braguezes, acabassem por destruir esse erradissimo preconceito, que (não sei porque) se tem tão geralmente formado desta terra.

(1) Ha um dictado = Acautela-te do Moiro, do Judeu, e da gente de Viseu; mas foge do Braguez, que é peor que todos tres =. Porque me parecesse errado similhante conceito, alguem me disse, que Braga era mãi dos estranhos, e madrasta dos seus; mas ainda me não satisfez esta explicação, porque encontrei entre os Braguezes mais harmonia e espirito de sociabilidade, do que na maior parte das terras, que neste sentido se julgão muito superiores a Braga.

III.

Do Templo (1).

1.º Exterior (2).

A Estampa 5.ª representa o exterior do templo.

A fachada é formada de tres ordens. A primeira é dorica. Quatro magnificas columnas de granito (3) sobre grossos pedestaes (4) achão-se collocadas aos lados da porta principal; entre ellas estão as estatuas de Jeremias e Isaias: aquella á direita na acção de apontar para o ouvido com o indice da mão direita, e tem a inscripção (5):

JEREMIAS.
. . . AUDITE VERBUM DOMINI . . .
QUI INGREDIMINI PER PORTAS
HAS, UT ADORETIS DOMINUM.
JEREM. CAP. 7. V. 2.

Do outro lado fica a de Isaias, pegando com a mão esquerda d'um livro,

---

(1) O templo antigo, que havia sido edificado pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles, ficava onde é hoje a cascata: era redondo, e tinha apenas 54 varas em circumferencia; cercava-o sobre a cornija uma varanda rendada, com estatuas d'Anjos com os instrumentos dos martyrios nas mãos; tinha tres portas, do sul, norte e poente, e sobre esta, que era a principal, o seguinte letreiro:

CRUCIFIXO DOMINO SACRATUM HOC TEMPLUM POSTERITATI COMMENDAT ET ANIMAM SUAM ILLUSTRISSIMUS DOMINUS RODERICUS A MOURA TELLES, ARCHIEPISCOPUS BRACHARENSIS, HISPANIARUM PRIMAS, ANNO DOMINI NOSTRI JESU CHRISTI MILLESIMO SEPTINGENTESIMO ET VIGESIMO QUINTO.

«O Illustrissimo Senhor D. Rodrigo de Moura e Telles, Arcebispo de Braga, e Primaz das Hespanhas, encommenda este templo, consagrado ao Senhor crucificado, e tambem a sua alma á posteridade no anno de N. S. JESU CHRISTO de 1725.»

Sobre esta porta havia uma larga fresta, que rematava com as armas do Arcebispo. O adro tinha de circumferencia 58 varas e ½. Sobre o altar mór elevava-se o calvario á similhança do que hoje existe no novo templo. A sacristia era por de traz do altar mór.

(2) Tem de comprimento 50 varas e ½, e de largura na frente 22 e ½.

(3) Tem cada uma duas varas e ½ de grossura, e 5 e ½ de altura.

(4) Tem cada um duas varas de altura.

(5) «Ouvi a palavra do Senhor . . . vós, que entraes por estas portas para adorar ao Senhor.»

Caggiani lith — Caet — Lith. de S.tos L. do Conde Barão N.º 24 Lx.ª

EXTERIOR DO TEMPLO.

sobre o qual está uma caveira, e em acção de apontar para esta com o indice da direita; e tem a inscripção (1):

ISAIAS.
VIDEBITIS, ET GAUDEBIT COR
VESTRUM, ET OSSA VESTRA
QUASI HERBA GERMINABUNT.
IS. CAP. 66. V. 14.

No friso está embutida uma almofada com a inscripção (2):

ET ERIT IN NOVISSIMIS DIEBUS PRAE-
PARATUS MONS DOMUS DOMINI IN
VERTICE MONTIUM, ET ELEVABI-
TUR SUPER COLLES, ET FLUENT
AD EUM OMNES GENTES.
ISAI. CAP. 2.

A segunda ordem da fachada é jonica. Naquellas quatro columnas assenta uma varanda, sobre a qual estão as estatuas dos Evangelistas com seus emblemas (3). Aos lados della ha duas janellas de peitoril, e sobre cada uma destas um relogio. Abrem para ella tres grandes janellas do côro. A do meio, que é maior do que as outras, tem pendentes da cornija as armas de Portugal e Brasil; e sobre as dos lados lêm-se os seguintes letreiros; o da direita diz (4):

MONS, IN QUO BENEPLA-
CITUM EST DEO HABI-
TARE, IN EO ETENIM
DOMINUS HABITABIT
IN FINEM.
PSALM. 67. 17.

(1) « Vereis, e folgará o vosso coração, e os vossos ossos brotaráõ como a herva. »

(2) « E nos ultimos dias estará preparado o monte da casa do Senhor no cume dos montes; e se elevará sobre os oiteiros, e concorreráõ a elle todas as gentes. »

(3) Os emblemas dos Evangelistas são homem, toiro, leão, e aguia. O primeiro é de S. Mattheus, porque começa pela genealogia temporal de CHRISTO. O segundo de S. Lucas, porque começa pelo sacerdocio de Zacharias. O terceiro de S. Marcos, porque começa pela prégação do Baptista no ermo. O quarto de S. João, porque começa pela eterna e ineffavel geração do Verbo.

(4) « Monte, em que se agradou Deos de morar, porque o Senhor morará nelle até o fim. »

E o da esquerda diz (1):

EXALTATE DOMINUM
DEUM NOSTRUM,
ET ADORATE IN
MONTE SANCTO
EJUS.
PSALM. 98. 9.

Remata a fachada do templo com uma empêna, que tem em meio-relevo os instrumentos da paixão, e aos lados da qual ficão as duas torres, que são da ordem composta, que é a ultima das tres, em que a fachada é dividida. A da direita tem seis sinos afinados, e na da esquerda estão os do antigo templo.

Destas torres se desfructa para norte, sul e poente a mais extensa e arrebatadora vista ao longe, melhor de quantas ha pelos escadorios, varandas da casa do penedo, patim sobre a cascata, em derredor da grande alameda, ou de outros pontos elevados dos orredores de Braga (2).

D'ahi se avista por entre prados, que circumdados por videiras enforcadas parecem ajardinados e verdejantes taboleiros, uma immensidade de povoações, villas, logarejos, freguezias, capellas, montes, estradas, regatos, e uma grande porção de mar em differentes sitios.

Entre esta infinidade de objectos sobresáe a fermosa cidade de Braga com suas espaçosas praças, suas torres rendadas, e suas compridissimas ruas entre viçosos campos de verdura (3).

---

(1) « Exaltai o Senhor Nosso Deos, e adorai-o no seu santo monte. »

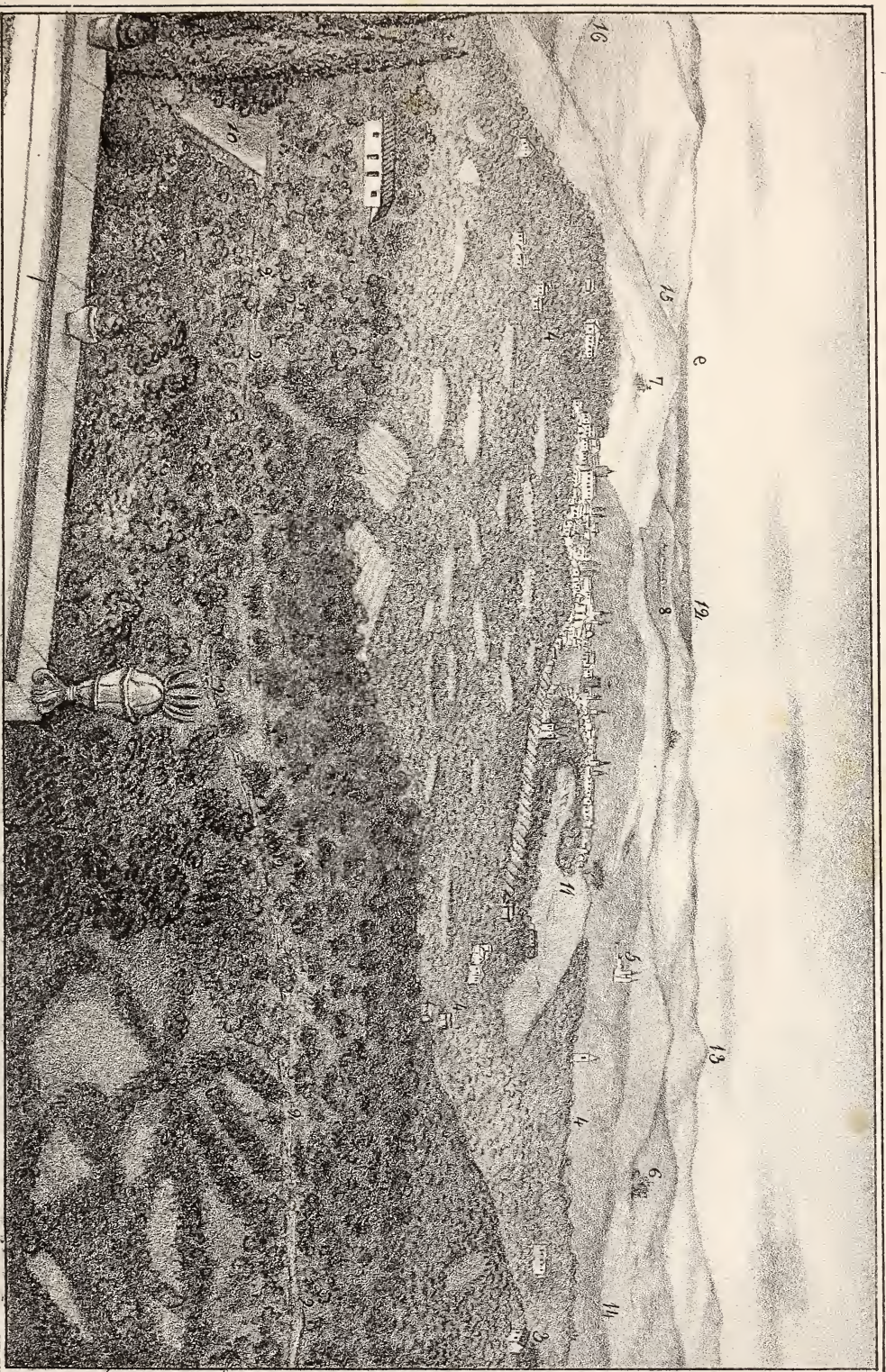
(2) Estampa 6.ª

(3) Braga tem a figura d'uma aranha, cujo ventre é formado de grandes praças, que alli chamão *campos*, e d'algumas largas e alinhadas ruas; e as pernas são ruas compridissimas e muito direitas, que se estendem em differentes direcções, mediando entre ellas campos de sementeira fertilizados pelas correntes, que descem das serras e oiteiros, que circumdão esta cidade.

Entre os muitos edificios bons, tanto publicos, como particulares, que tem Braga, sobresáe o Paço archiepiscopal, que para o *campo* dos Touros appresenta uma frente majestosa, — o grandioso convento do Populo, hoje infelizmente destinado para quartel de soldados, — a casa da Camera, inda incompleta, — e mais que todos o magnifico hospital de S. Marcos, um dos estabelecimentos mais ricos, não só em architectura, mas principalmente no seu arranjo interno.

Entre as muitas Igrejas são notaveis a de Santa Cruz, cuja fachada é primorosamente trabalhada de ricos lavores, — a dos Congregados, — a do Populo, — e principalmente a Sé Cathedral, que, a pezar de não ser muito grande, e de estar mettida em bêcos, é um templo memoravel por sua antiga architectura em tres naves, um côro magnifico de páo preto com marchetados e bellissimas pinturas, soberbos orgãos de delicados lavores, e finalmente pela riqueza d'algumas de suas capellas, e de seus antiquissimos paramentos sacerdotaes, e archiepiscopaes.

A cidade é plana, e a casaria simples, mas bem construida. Em muitas casas se vêm ainda rótulas de madeira formando toda a frontaria, resto d'antigas usanças, que ainda não se extinguirão, e que, por conservar vestigios da antiguidade, bom fôra não extinguir de todo.

Braga pela sua posição e circumstancias peculiares é talvez a terra do reino mais susceptivel de alindar-se. Bastára só calçar de novo as ruas, que pela maior parte se achão em pessimo estado; evitar que se altere o alinhamento das casas; terraplenar os *campos*, e plantar nelles algumas alas de arvoredo, formando differentes caminhos para os de pé e de cavallo; fazer passeios públicos nas *Car*-

Estampa 6.ª

Coggiani Lith.

Lith. de Santos L. do Conde Barão N.º 21 Lx.ª

PANORAMA DO POENTE.

1. Jardim do norte ao 2.º escadorio.
2. Estrada de Braga p.ª o Bom Jesus.
3. N.ª Snr.ª da Rocha.
4. Braga.
5. Mosteiro de Tibães.
6. N.ª Snr.ª do Bom despacho.
7. S. Gregorio.
8. Barcellos.
9. Villa do Conde.
10. Passeio fronteiro ao portico
11. N.ª Snr.ª de Guadelupe.
12. Fão e Esposende.
13. Pico de Monte de S. Luzia.
14. Rio cavado.
15. Monte da Amarella.
16. Estrada p.ª o Porto.

Mais adiante a tres legoas vê-se a villa de Barcellos, estendendose em quasi linha recta. Lá muito ao longe sobre o horizonte descobre-se o pico do monte de S. Luzia, em cujas fraldas está edificada a celebre, e muito antiga, e por seus arrabaldes e doces margens do sereno Lima muito famigerada villa de Viana do Minho. E correndo por toda a linha do mar, avista-se o sitio das pequenas mas notaveis villas de Fão e Espozende sobre as praias; e em fim o convento de freiras de Santa Clara de Villa do Conde, que lá ao cabo avulta, altanado e majestoso, sobre o cume d'elevado monte (1).

Além da porta principal tem o templo mais duas lateráes: a do norte tem por de cima o seguinte letreiro:

FOI
LANÇADA A PRIMEIRA
PEDRA DESTE TEMPLO
NO 1.° DE JUNHO DE 1784.

A do sul tem o seguinte:

FOI
POSTA A ULTIMA PE-
DRA DESTE TEMPLO EM
20 DE SETEMBRO DE 1811.

2.° Interior do Templo.

A estampa 7.ª representa o interior do templo.

Não se encontrão nelle ornatos de ostentação, mas é grande e majestoso, formado todo da ordem composta, e d'uma só nave.

---

valheiras, e na Praça nova, que, por ser no centro da cidade, cercada de edificios muito regulares, ficar-lhe d'um lado o romantico passeio do oiteiro da Senhora de Guadelupe, e do outro a magnifica rua de S. André, era o logar mais proprio para esse effeito; e abrir uma estrada espaçosa, e o menos ingreme que fosse possivel, para o Bom Jesus do Monte. Em fim gosto e boa vontade é de que se carece para tornar Braga uma terra aprazivel.

A abundancia e barateza de seus productos, a pureza de seus ares, e a commodidade de seus passeios attrahirião muita gente; e se o rio Cávado, a uma legoa de distancia, se tornasse navegavel (o que me não parece muito difficil), Braga sobrepujaria muito em riqueza as outras cidades do reino, que tem portos molhados.

Sobre a fundação de Braga, e antigos senhorios dos Arcebispos veja-se *Chorogr.* T. 1. Tract. 2.°

(1) Estampa 6.ª

a) *Capella mór.*

A capella mór é proporcionada ao resto do templo : tem de cada lado por de cima da cornija duas largas frestas , e por debaixo tres tribunas.

A cima do altar mór, debaixo d'um soberbo *baldaquino* (1) eleva-se o calvario , formado de madeira , e em parte coberto de folha de Flandres , sobre o qual está arvorada dentro d'uma aceiada maquineta a bellissima imagem de Christo crucificado , que o Arcebispo D. Gaspar mandou vir da Italia , e em 1776 offereceo á confraria do Bom Jesus. Por de fóra della estão os dois ladrões aos lados da imagem de Christo, —do lado direito Nossa Senhora , duas Marias , e S. João Baptista , — á esquerda a outra Maria , — prostrada ante a imagem de Christo Santa Maria Magdalena , — e espalhados pelo monte o Centurião e 7 soldados , dois dos quaes estão recostados no chão , jogando os dados sobre a tunica de Jesu Christo, outro com o estandarte, e outro com uma trombeta. Todas estas figuras são de grande merecimento , e representão vivamente os differentes sentimentos , que se lhes quiz fazer exprimir. Uma das Marias com os olhos no chão , braços cruzados sobre o peito , lagrimas poucas, mas vivas , bôcca meio-aberta , e faces encovadas ; — as outras, uma apertando as mãos contra o seio e com os olhos enlevados, e a outra na attitude de fallar-lhe , apontando para a cruz , como quem lhe queria aconselhar resignação , e dar-lhe consolação e conforto contra a violentissima dor de seu coração ; — a Magdalena prostrada aos pés da cruz, desgrenhada, e com os olhos embaciados ; — logo um pouco para traz o Centurião como extasiado, e nesse instante tremendo do desengano , em que, abertos seus olhos , reconheceo ser aquelle o Filho de Deos (2); — os dois soldados em uma posição muito natural, jogando a tunica de Jesu Christo , e os outros de rostos satisfeitos, como descançados da horrivel missão, que lhes fôra incumbida , — compõem um grupo de figuras de sentimentos inteiramente differentes, e offerecem um perfeito contraste entre a feroz e brutal impenitencia dos Judeos , e a dor profunda e concentrada de Nossa Senhora, das tres Marias, da Magdalena, e de S. João , e a conversão milagrosa do Centurião no momento da morte de Jesu Christo.

Nas paredes da capella mór estão pintados dois quadros de algum valor : um representa Jesu Christo na acção de dar vista ao cego ; e o outro o passo da Escriptura, em que trazendo os Escribas e Phariseus á presença de Jesu Christo uma mulher adultera , este lhe perdoou, respondendo aos que a accusavão : « *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat* » (3); — palavras cheias de moralidade , sentença sublime, e justa reprehensão dos que, sem verem seus defeitos, são tão faceis em delatar as menores faltas dos outros.

b) *Cruzeiro.*

No cruzeiro ha duas capellas , e dois altares. Aquellas são abertas, uma defronte da outra , nas paredes lateraes do templo : a da direita é do Santissimo:

---

(1) Uma especie de pallio ou docel, sustentado por quatro columnas. É termo derivado do Italiano = *baldecchino* =.

(2) « Vere hic homo filius Dei erat. » Marc. 15. 39.

(3) « Aquelle de vós, que estiver sem peccado, lance-lhe a primeira pedra. » — S. Joan. c. 8.

Estampa 7.ª

Caggiani lith. *Cast.* *Lith. de S.tos L. do Conde Barão N.º 21 Lx.ª*

INTERIOR DO TEMPLO.

e a outra contém sobre o throno um numero consideravel de reliquias dentro de pequenos bustos, dispostas pela ordem hierarchica; e debaixo do altar os ossos do Martyr S. Clemente, vestidos de uniforme militar de seda d'ouro e prata, coroa de flores na cabeça, palma na mão, e com uma porção de seu sangue em um vaso aos pés (1).

Tem ambas duas janellas, e duas portas, que dão communicação para o throno e janellas.

Os altares do cruzeiro ficão aos lados da capella mór: o da esquerda tem um retabulo grande, que representa Jesu Christo na acção de salvar a S. Pedro das aguas do mar, e por debaixo delle em outro mais pequeno a venda de José aos mercadores Ismaelitas: e o da direita representa Jesu Christo entregando as chaves a S. Pedro, e por debaixo o sacrificio de Abrahão.

Os retabulos maiores destes altares, e os do corpo da Igreja, — que são todos iguaes —, forão doados ao Sanctuario, e são pinturas de merecimento. Em vão procurei o nome de seu auctor; e apenas no do salvamento de S. Pedro pude a custo divisar as iniciaes = P. A. =.

Tem tambem o cruzeiro as estatuas dos quatro Doutores da Igreja, S. Agostinho, S. Ambrosio, S. Gregorio, e S. Jeronymo, feitas de madeira, e mandadas ahi collocar pela Mesa actual.

O zimborio é elevado e espaçoso: tem em volta uma varanda rendada de madeira fingindo ferro, e oito frestas, quatro redondas, e quatro rasgadas.

c) *Corpo da Igreja.*

O corpo da Igreja tem de cada lado dois altares, separados do resto da Igreja por comprida grade de páo. Representão os retabulos maiores delles a resurreição do filho da viuva de Naím, a conversão da Samaritana, o perdão da Magdalena, e a cura do leproso; e os pequenos contém um quadro das Almas, a expulsão do paraiso, a coroação de Nossa Senhora, e a tentação da serpente.

Tem tambem de cada lado por de cima da cornija tres frestas, e por debaixo tres tribunas; para as quaes communicão as escadas do côro e torres.

---

(1) Sobre o throno uma fermosa custodia com o santo lenho; e pelos degráos as reliquias dos Evangelistas; as dos Martyres S. Braz, S. Anacleto, S. Marcello, S. Estevão, S. Sebastião, e S. Lourenço; as dos Confessores S. Anselmo, S. Thomaz d'Aquino, S. Isidoro, S. Antonino, S. Martinho, S. João Chrysostomo, S. Francisco de Salles, S. Francisco de Assis, S. Francisco de Paula, S. Filippe Neri, S. Domingos, S. Pedro d'Alcantara, S. Ignacio de Loyola, S. Antonio de Lisboa, S. Roque, S. Aleixo, e S. André Avellino; as dos Doutores da Igreja S. Ambrosio, S. Agostinho, e S. Jeronymo; as das Virgens S. Clara d'Assis, S. Catharina de Senna, S. Escholastica, S. Ignez, S. Agueda, S. Luzia, S. Apollonia, S. Victoria, S. Eufemia, S. Rosalia, S. Petronilla, S. Dorothea, S. Christina, e S. Barbara; e finalmente as de S. Joaquim, S. Boaventura, S. Carlos Borromeo, S. Pio, S. Bernardo, S. Antão, S. Vicente Ferreira, S. Paschoal Baylão, S. Alberto, S. Anna, S. Thereza de Jesus, S. Monica, S. Margarida de Cortona, e S. Francisca.

Além destas reliquias achão-se arrecadados dois relicarios: um com as reliquias do santo lenho, columna, véo de Nossa Senhora, capa de S José, ossos de S. Pedro, S. Paulo, S. Bartholomeu, Sant-Iago maior, Sant-Iago menor, S. André, S. Mattheus, S. Thaddeo, S. Mathias, S. Thomé, S. Barnabé, e S. Simão; e outro com as do santo lenho, lançol, em que Jesu Christo foi envolto no sepulcro, columna, faixas, em que o menino Jesus foi envolvido no presepe, camiza de Nossa Senhora, capa de S. José, e esponja.

Todas ellas, e a ossada de S. Clemente forão offerecidas por Boaventura Maciel Aranha; e no cartorio se guardão as respectivas authenticas.

O côro é muito pequeno em proporção com o comprimento do templo, e tão distante da capella mór, que as vozes se perdem inteiramente: por isso só serve para guarda d'alguns objectos, e para cartorio da confraria.

Para suppril-o levantárão ao lado da capella do Sacramento um côro portatil com seu pequeno orgão.

d) *Sacristias.*

Tem o templo tres sacristias: a primeira por detraz do altar mór, a qual, por ser muito pequena e humida, só serve para guardar castiçaes e cera; e communica com a capella mór pelas portas, que dão serventia para as tribunas e calvario.

As outras duas ficão cada uma de seu lado do templo, occupando o espaço entre as paredes exteriores deste e as do corpo da Igreja; e por isso são muito compridas e estreitas.

A sacristia ao lado esquerdo do templo, que é a principal, tem, entre varios ornatos, uma mesa de pedra, mettida na parede, e coberta de um precioso marmore; e contém os retratos d'ElRei D. João VI, dos Arcebispos D. Rodrigo de Moura e Telles e D. Gaspar, dos Papas Clemente IV e Pio VI, e dos bemfeitores D. Sigismundo Caetano Alvares Pereira de Mello (1), e D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho (2).

Ahi se venera uma imagem magnifica de Christo crucificado com a invocação de *Bom Jesus dos navegantes*, feita de marfim sobre calvario e cruz de ebano com marchetados de marfim; a qual foi offerecida e mandada da India pelo Viso-Rei D. Diogo de Sousa, natural de Braga.

Guardão-se tambem nella alguns preciosos vasos sagrados e paramentos; entre os quaes são muito ricos dois tecidos a seda, e alguns inteiros de damasco liso, e uma antiquissima alva com o nome do Arcebispo D. Rodrigo bordado na renda.

A sacristia fronteira é chamada propriamente *dos bemfeitores*, porque nella se acha collocado numero consideravel de seus retratos (3).

Ahi se guarda tambem com summo recato a antiga imagem do Bom Jesus do Monte, de grande veneração e devoção para os Braguezes, que em suas afflicções, e principalmente em occasião de preces costumão de pedil-a á Mesa para as Igrejas de Braga.

Contém finalmente esta sacristia muitas offertas de cera em fórma de corpo humano; alguns quadros, que representão milagres; e um painel do novo templo inda incompleto com o seguinte letreiro:

« É dedicada esta memoria aos bemfeitores, e honrados lavradores das

---

(1) III. Duque de Lafões, V. Marquez de Arronches, e VIII. Conde de Miranda.

(2) VIII. Conde de Cantanhede, e VI. Marquez de Marialva.

(3) Antonio José d'Araujo Camizão, Antonio José Duarte, Antonio José Ferreira, Antonio José Vieira, Antonio Alves, Bernarda Luiza da Graça, Carlos Luiz da Cruz Amarante, Custodio Pereira Braga, Custodio de Sousa e Sá, Constantino José Gomes, Domingos Ferreira da Silva, Francisco José de Bastos, José Joaquim Rebello, D. Joaquina Candida do Loreto Azevedo e Silva, José João Nogueira de Faria, Manoel Rebello da Costa, Manoel Antonio d'Oliveira, Miguel (da porta nova), Pedro José da Silva, Simão Duarte d'Oliveira, e mais seis, cujos nomes estão á sumidos pelo tempo.

« freguezias circumvizinhas deste Sanctuario , que com pio e fervoroso zêlo « tanto se empenhāram em conduzir gratuitamente em seus carros toda a pedra « para a construcção deste majestoso templo. »

A este fervoroso zèlo dos povos se deveo o adiantamento do templo , que; tendo-se-lhe lançado a primeira pedra no 1.° de Junho de 1784, estava concluido a 20 de Setembro de 1811, com admiração de todos, que nunca esperárão ver concluida obra tamanha em tão curto espaço de tempo ; e este beneficio dos povos deixou entre elles o louvavel costume de conduzirem de graça em seus carros toda a pedra, que for mistér para as obras do monte , nos dias determinados pelo védor das obras.

IV.

Notas biographicas do architecto do templo.

CArlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, filho de Manoel Ferreira da Cruz Amarante e de Maria Josefa Pereira, nasceo em Braga pelo meado do seculo passado.

Seu pai, que, vindo de Amarante com tenção de ordenar-se, se enamorára da mulher, com quem casou, e fôra por isso obrigado a procurar novo genero de vida, ensinou musica e canto-chão, até que obteve do Arcebispo D. Gaspar o officio d'Escrivão do registo geral. Carlos, seu filho, foi tambem destinado á vida ecclesiastica; mas o mesmo destino, que roubou o pai á Igreja, levou o filho ao altar com Luiza Lopes, filha d'um famoso espingardeiro de Braga, tão habil na sua arte, que o Conde de Lippe, vendo obra delle, quiz assistir ao seu trabalho, e confessou que, despois que saíra d'Allemanha, não encontrára quem melhor trabalhasse. Carlos, não podendo então ser socorrido por seu pai, que já contava numerosa descendencia, voltou-se para seus amigos, que, protegendo-o no que podião, começárão de animal-o para desenvolver o grande talento, que desde estudante mostrava para o desenho e architectura. Por este tempo pois se construírão em Braga debaixo de sua direcção as seguintes obras, para as quaes deu o risco: — a fermosa casa, ainda por acabar, hoje pertencente ao cavalheiro Antonio Luiz da Costa Pereira Coutinho de Vilhena, com suas magnificas fachadas para os *Campos* da Vinha e dos Touros; — a majestosa igreja e convento do Populo; — e o famoso hospital de S. Marcos com sua frontaria elegante e d'um gosto singular.

Exercendo o emprego de Porteiro da Camera do mesmo Arcebispo, que a tantas virtudes, de que foi dotado, juntava a de favorecer os homens de genio, Carlos teve occasião de fazer-se mais conhecido, quando foi encarregado do risco e direcção da celebre ponte de Amarante.

Pelo bom desempenho desta empresa, e a instancias do Arcebispo, foi Carlos despachado no ministerio do Visconde de Balsemão Segundo Tenente de Engenharia; pouco despois nomeado Lente de Desenho na Academia, onde esteve dez annos; e elevado durante esse tempo á patente de Primeiro Tenente d'Engenharia.

Em 1805 foi encarregado da construcção da ponte de barcas sobre o Douro, a qual lhe grangeou bem merecida fama, porque com tal arte estava construida, que, em quanto teve n'ella immediata inspecção, não se perdeo

nas cheias uma só barca, como despois succedia a cada passo. Esta ponte era provisoria, em quanto se não levantava a de pedra em um só arco sobre os dois rochedos da Serra e das Fontainhas, de que havia tambem sido encarregado, — obra, que não chegou a começar-se por causa da retirada da Côrte para o Brasil, e entrada dos Francezes nestes reinos, mas que elle se compromettêra a levar a effeito, mostrando a possibilidade de sua construcção pelo risco, que offerecêra, e em um grande modelo de differentes peçazinhas de madeira remettêra ao Governo para Lisboa.

No Porto são tambem seus o risco do templo da Trindade, a Academia, e a igreja das almas ás Taipas.

Nomeado então Capitão d'Engenheiros, foi chamado em 1810 pelo General Azeredo (hoje Conde de Samodães) para reparar as fortificações de Valença do Minho, em cujos trabalhos se distinguio por espaço de mais de tres annos: mas sendo attacado d'um ramo d'estupor, que o deixou impossibilitado para todo o serviço, foi reformado, e se retirou para Braga na qualidade de addido ao corpo d'Engenheiros; e d'ahi veio para o Porto nos fins do anno de 1813, onde morreo em Janeiro de 1815 de repetição do mesmo attaque.

Jaz na Igreja da Trindade, de cuja corporação era irmão remido por ter offerecido gratuitamente o risco e instrucções para a construcção deste templo.

A obra porém de mais particular devoção, e por ventura de maior gosto deste Architecto foi a do templo novo do Bom Jesus do Monte, que elle concebeo em sua imaginação, e delineou muito antes de ser Engenheiro, — que inspeccionou até ir para Lisboa reger a Cadeira de Desenho, — e que continuou a dirigir tanto de Lisboa como do Porto e Valença, offerecendo gratuitamente todos os riscos e instrucções precisas. D'elle são tambem os riscos do escadorio das virtudes, capellas do descendimento e calvario, e em geral de todas as novas obras, que estão feitas ou em projecto. Todos estes beneficios lhe grangeárão o titulo d'um dos mais zelosos bemfeitores do Sanctuario, e que seu retrato fosse collocado na Sacristia dos bemfeitores, — unico premio, que a confraria podia conferir-lhe.

Mas, quando se considerar que todo este local era uma eminencia coroada de rochedos, por entre os quaes apenas crescião alguns carvalhos, e que a concepção sublime de Carlos d'Amarante alli traçára tão majestoso edificio, o apreciador do merito jámais deixará de sentir sua alma possuida d'admiração e respeito por este homem grande, a quem em Athenas se teria levantado uma estatua entre as dos mais distinctos cidadãos, — cujo nome merecêra ser coberto d'immarcessiveis loiros, — mas que, por ser Portuguez, apenas existe n'um painel na acção de traçar o risco do templo do Bom Jesus do Monte, n'um painel, que talvez em breve seja consumido com seu nome pela mão do tempo! .. Mas não!! . . . que as gerações futuras, quando verificarem o vaticinio inscripto sobre a porta principal do templo = *Et erit in novissimis diebus . . . et fluent ad eum omnes gentes* =, perguntaraõ umas ás outras: quem foi o Genio fecundo, que produzio obra tão majestosa? — E os pais, cheios de ufanía, ensinaráõ a seus filhos tão respeitavel nome; e estes o repetiráõ a outros de seculo em seculo, até que vá sepultar-se debaixo das ruinas do monumento maior de sua gloria immortal — o templo do Bom Jesus do Monte!!

Tem este illustre Bracarense descendentes na cidade de Braga, os quaes

conservão não só os documentos biographicos do insigne architecto, mas uma fermosa collecção dos seus melhores desenhos, entre os quaes admirei os seguintes: — a perspectiva do templo, e alguns contornos do Bom Jesus do Monte, — a ponte, tambem contornada, de Amarante, ambas desenhadas com a maior limpeza a bico de penna, — as perspectivas do convento do Populo, e hospital de S. Marcos em Braga a banho de nanquim, todas quatro obra de sua propria invenção, — a ponte de Pombal pelo Tenente Coronel d'Engenheiros Joaquim d'Oliveira, e a de Mellum sobre o Sena por Peronette, ambas copiadas a banho por Amarante.

V.

Da grande avenida, e alameda.

A' Esquerda da capella do descendimento abre-se na direcção de nordeste uma espaçosa e mui extensa avenida (1), que em suavissimo declive conduz ao terreiro dos Evangelistas. Seguem-na d'um e outro lado os parapeitos, que vem da meia laranja da cascata, os quaes 21 varas acima da capella do descendimento tem uma larga abertura para dar passagem do terreiro da estalagem para o adro do templo, — e por defóra delles majestosas carvalheiras, que, juntando suas cimas em grande elevação do pavimento, formão um toldo natural, que mal penetrão os raios do sol.

Tem a avenida duas capellas, e duas fontes.

A primeira capella fica á direita do visitante 51 varas acima da do descendimento sobre um andaime (2), para o qual sobem cinco degráos com pyramides nos parapeitos. É sextavada (3); e tem entre a porta e a cornija a inscripção (4):

POSUERUNT
EUM IN
MONUMENTO.
ACT. APOSTOL. C. 13. V. 39.

A uncção do Senhor está ahi bem representada; e entre as muitas figuras boas, que esta capella contém, sobresáe a da Virgem Santissima chorando de joelhos sobre o corpo de seu Filho. Lagrimas, que se vêm borbulhar e entornar-se pelo rosto pallido e macerado: — expressão de saudade e amargura d'uma Mãi carinhosa, quando perde um Filho querido; — tudo é nella tão natural e vivo, que, a não ser vista de tão perto, ninguem a tomára por uma estatua de pedra.

Fronteira a esta capella, e no mesmo andaime acha-se uma fonte simples e grosseira; a qual tem nas costas sobre o terreiro da estalagem a *dos castellos*,

---

(1) Tem de comprimento 164 varas, e de largura 5 e ½.
(2) De 6 varas e ½ de comprimento sobre 8 de largura.
(3) D'altura até a cornija 6 varas, e de largura em cada panno 4 e um palmo.
(4) « Pozerão-no no sepulcro ».

— assim chamada, por lançar agua pelos 7 castellos do brazão do Arcebispo D. Rodrigo, — com a seguinte inscripção (1) em derredor da tarja:

RODERICUS ARCHIEPISCOPUS PRIMAS HISPANIARUM, AN. 1723.

Sessenta e tres varas acima destas fontes encontra-se a capella da resurreição, que é quadrada (2), e do gosto das da paixão; e fronteira a ella a fonte de Hercules, representada por um homem vigoroso com o braço direito alevantado em acção de arremessar com uma pesada massa, e a cavallo em uma hydra, que lança agua pela bôcca e ouvidos (3).

Esta fonte, talvez de proposito construida defronte da capella da resurreição, parece-me uma das mais engenhosas allegorias do monte do Sanctuario. A' imitação do sentido mystico das fontes mythologicas junto das capellas da paixão, quiz certamente o inventor significar por ella o mais augusto mysterio da religião christã, a salvação do genero humano, o triumpho da cruz sobre as portas do inferno pela resurreição de JESU CHRISTO. E na verdade, á similhança do Hercules dos pagãos, que tamanha gloria alcançou por vencer a hydra de Lerna, JESU CHRISTO póde chamar-se o Hercules do Christianismo, porque com sua resurreição esmagou o poder do inferno, e abrio aos homens as portas do Céo. E se tal foi, como creio, o pensamento do inventor, que brilhante idêa se não appresenta á alma ahi nessa mesquinha fonte! E que mais viva e engenhosa comparação podéra ter-se encontrado, para significar tão augusto mysterio em um logar, onde com pensamentos mysticos se quizesse juntar distracção d'alma?

Continúa a avenida na distancia de 32 varas até o terreiro dos Evangelistas. A' direita ha algumas casas com suas hortas e alpendres, habitação dos caseiros d'uns pedaços de terra de sementeira no monte do Sanctuario. Pelo outro lado corre até acima da primeira fonte o terreiro da estalagem, toldado pelas cimas de soberbas carvalheiras; e logo em seguida delle uma grande alameda, que se estende ainda um pouco ao lado do terreiro dos Evangelistas, communicando com a avenida por duas aberturas nos parapeitos da capella da resurreição.

Esta alameda é um dos sitios mais agradaveis do monte; porque além da belleza natural das majestosas carvalheiras, que alinhadas offerecem um commodo passeio em dias de calma á sombra de suas copadas ramagens, tem tambem em toda a volta grandes e variadas vistas de monte, campo e prado para poente, norte e nascente. Em uma das extremidades della encontra-se debaixo d'um frondoso carvalho uma mesa de cantaria com assentos. Este sitio é um dos mais pittorescos do monte; porque ficando em elevada posição, e quasi a tocar no declive do monte, delle se desfructa a mimosa perspectiva dos ferteis campos e ajardinados prados, que pelas fraldas e encostas dos oiteiros se vão gradualmente estendendo até além das serras da Abbadia e S. Fins, alcatifados de casaes e torrinhas alvejando por entre o arvoredo.

---

(1) « Rodrigo, Arcebispo Primaz das Hespanhas, no anno de 1723. »
O primeiro logar desta fonte foi onde está a das cinco chagas. A agua desta, e da primeira da avenida provêm d'uma nascente, que fica por detraz da capella da uncção.

(2) De 6 varas d'altura e largura.

(3) Diz a fabula, que um dos 12 trabalhos, a que Juno destinára Hercules para vingar-se da infidelidade de Jupiter, foi vencer na lagôa de Lerna uma hydra de muitas cabeças, as quaes lhe renascião á proporção que lh'as segava.

VI.

Do terreiro dos Evangelistas.

Sobre o cume da montanha, em um logar encoberto de todos os lados por frondosas carvalheiras, o visitante, que pela primeira vez subir ao monte de Santa Cruz, mal pensará ir alli encontrar a mais vistosa e elegante porção do Sanctuario.

O terreiro dos Evangelistas fica ao cabo da avenida, donde se sobem para elle oito degráos. É octangular (1); e as arvores, que por de fóra dos parapeitos o cercão, alargando suas cimas per sobre elle, tem-lhe formado um toldo em toda a circumferencia. Encontrão-se ahi as tres ultimas capellas, entresachadas com as quatro fontes dos Evangelistas.

As capellas são pouco mais ou menos das mesmas dimensões e architectura da da uncção; e estão edificadas sobre andaimes de correspondente grandeza cinco degráos acima do pavimento do terreiro.

A primeira representa a apparição de Jesu Christo á Magdalena em trajes de hortelão; e a segunda, que lhe está fronteira, o castello d'Emmaús, onde se deu a conhecer a S. Lucas e Cleophas. Cada uma fica a 27 varas da entrada do terreiro, aquella á esquerda, e esta á direita do visitante; e no meio desses intervallos achão-se as fontes de S. Mattheus e de S. Marcos, rematadas nas estatuas destes Evangelistas com seus emblemas, a de S. Mattheus um anjo, e a de S. Marcos um leão. A primeira fonte lança agua pela bôcca d'um rosto humano, e a segunda pela d'um leão.

Esta fonte contém uma lembrança de gratidão a um dos maiores bemfeitores do Sanctuario, Manoel Rebello da Costa, a cujo zelo e riqueza é devida a maior parte das obras desde o templo para cima: são as seguintes palavras, já quasi sumidas pelo tempo, que se achão gravadas por detraz do pedestal da estatua:

ANNO DE 1767 SEN-
DO ZELADOR
E BEMFEITOR
MANOEL RE-
BELLO DA COSTA.

---

(1) Tem 142 varas em toda a roda.

A ultima capella fica onde o terreiro faz metade, 22 varas e meia distante de cada uma das outras.

Mais alta e espaçosa do que todas as da montanha, — de cupula mui elevada, e formada de telhas em corredio, com uma elegante pyramide em cima, — com uma fachada sumptuosamente trabalhada em grossas pedras de granito pardo escuro, — e com duas altas pyramides sobre os parapeitos d'um e outro lado do andaime, — é esta capella a melhor do monte, e digna do seu objecto.

Representa-se nella a ascenção de Jesu Christo, que em uma nuvem cercada d'anjos se vai elevando ao Céo d'entre um fermoso grupo das estatuas de Nossa Senhora e dos Apostolos, admiraveis pela propriedade, viveza e naturalidade de suas attitudes.

Por detraz desta capella se desfructa uma vista bem differente das dos outros lados. Um valle profundo e comprido, que separa o monte do Bom Jesus do verdadeiro monte Espinho, abre-se diante dos olhos em grande despenhadeiro da capella. Por elle discorre com socegado e triste murmurio a ribeira d'Este, que atravessando a estrada dos Peões vem passar ao sul de Braga. Ao lado direito os pequenos montes de Pedralva, semeados de pinheiros raros, e de pouca altura; — um pouco além para nascente as serras de Carvalho d'Este e de Nossa Senhora da Abbadia; — e mais ao longe sobre o horizonte os negros, calvos e agrestes pincaros das montanhas de S. João do Campo e do Gerês, avistando-se por entre as quebradas d'aquellas serras, e alevantadas, como gigantes, coroadas de encrespadas e apicadissimas penedias, — compõem um painel triste, melancholico, talvez carregado, mas soberbo.

Que contraste tão notavel com as outras perspectivas do monte! A natureza, que ao poente pela extensissima campina até o mar, e ao norte pelo fermoso quadro de serras, oiteiros e campos se ha mostrado tão risonha e alegre, reservou para aqui toda a sua aspereza.

Mas terá por isto menos valor este ponto da montanha? ... Não, — que este aspecto solemne, infundindo n'alma doce melancholia, serve para descançar o espirito fatigado do sem-numero d'objectos differentes e magnificos, que desde o portico se lhe tem appresentado. Oh! certamente, esta vista, o romantico passeio da mãi d'agua, e a primeira porção do monte serão sempre de grande valia para o homem sensivel e de bom gosto.

Aos lados da capella da Ascensão, no meio da distancia della ás outras do terreiro, estão as fontes de S. João e de S. Lucas: aquella com uma aguia, e esta com um touro aos pés das estatuas. A agua da primeira sáe pela bôcca d'uma aguia, e a da segunda pela d'um touro.

Nada ha no Bom Jesus do Monte tão bello aos olhos, e tão abundante em riqueza d'arte, em gosto d'invenção e em graças da natureza, como esta porção desde a cascata, subindo-se pela escadaria da capella do descendimento até o terreiro dos Evangelistas.

Este é tambem o sitio, onde de ordinario se encontra mais gente; e não é isso de admirar.

A primeira parte do monte, com quanto, mais que as outras, cheia de poesia e sentimento, não póde offerecer a todos as mesmas distracções. Sua tristeza natural pelo emmaranhado da mata, e augmentada pelos passos da paixão, representados tanto ao vivo e em tal grandeza, que se vêm distinctamente de curta distancia das capellas; o monotono susurro das fontes; nenhumas vistas a travéz do arvoredo; e aquelle sentimento intimo religioso, que sempre occupa a alma do christão na presença dos tormentos do Salvador, causão profunda melancholia, que nem a todos será agradavel.

Gostará por ventura della o homem exclusivamente religioso, que foge das diversões da terra, e procura juntar-se com Deos nos ermos longe das vistas dos homens; — o coração sensivel, a quem uma serie continuada de encontrados prazeres e desgostos tem reduzido a um estado apathico d'indifferença ou receio; — o mancebo, que ao cabo d'uma juventude desperdiçada em vãos disturbios d'um genio fogoso, vem, arrependido de suas passadas loucuras, carpir na espessura do bosque as penas verdadeiras, que agora lhe pungem o centro d'alma.

A todos estes apraz a melancholia do ermo, porque já d'ha muito lhes passou a inquietação d'espirito, inimiga da solidão, e mais propria do verdor da mocidade. Mas não poderá gostar della o homem, de todo envolvido no bolicio do mundo; — o moço na flor dos annos, ainda de coração ardente; — o rustico aldeão, que não comprehende as maravilhas da arte, nem as bellezas da natureza, e que no Bussaco ou no Bom Jesus corre de fugida d'umas para outras capellas, sem attentar senão nas estatuas, que tanto mais lhe agradão, quanto mais volumosas e grosseiras forem. E de toda esta gente é que mais se compõe o mundo, — almas sem pensamento; — e por isso tão pouca se encontra, e essa mesma de passagem, nesta bellissima e poetica porção do Sanctuario. Seguem-se os escadorios, que mal podem gozar-se nos mezes de calma por causa do intenso calor, e cujas grandezas uns não entendem, e outros não sabem apreciar. Mas a avenida, a grande alameda e o terreiro dos Evangelistas reúnem aos encantos da primeira porção do monte as bellezas dos escadorios sem a profunda melancholia d'aquella, nem o incommodo destes. Por ahi se goza á sombra das altas e copadas carvalheiras o ar sereno e fresco de manhã de primavera nos mais ardentes dias do estio, e muito desafogo d'espirito pelas alongadas vistas em derredor da grande alameda, e por detraz da capella da Ascensão. Sua extensão e largueza, seu pizo brando e macio, e o ar sempre puro e desabafado convidão a passeio; e por isso todos se reúnem insensivelmente alli, e formando differentes magotes, uns passeando, outros

de pé ou recostados nos largos e aceiados parapeitos, todos rindo e folgando, offerecem a perspectiva do mais divertido passeio publico.

Tambem assisti no Bom Jesus e em Braga a algumas romarias, e festividades d'Igreja. O povo de Braga felizmente ainda conserva os antigos costumes e idèas religiosas, que sempre o tem characterizado. Romarias, procissões e festividades d'Igreja são muito frequentes; e pelas ruas se encontrão a cada passo Santos mettidos em nichos com uma lanterna accesa á noite, de maneira que antes d'a cidade estar alluiniada, já por algumas ruas se transitava com sufficiente claridade.

As festividades d'Igreja, e procissões são feitas com grandeza e gravidade; e estas especialmente tornão-se singulares pela antiga usança do *boi bento*, e do *carro da herva* (1), — restos talvez d'antigos cultos supersticiosos, que, com quanto de nada valhão para o homem instruido, são necessarios ao povo, que, por natureza desconfiado, não perde com facilidade prácticas e crenças, a que liga idèas religiosas, e que venera por lhe terem sido legadas por seus maiores.

Uma das festividades, que os Braguezes fazem com muita devoção e grandeza, é a do Sacramento, que se repete em todas as freguezias nos mezes de Julho e Agosto. Cada um dos mordomos se esforça por tornar mais brilhante a de sua freguezia: despois da festa d'Igreja e procissão costumão de dar uma lauta ceia, em que ás vezes despendem grande parte de seus cabedaes, e á noite illuminão suas casas, e fazem subir ao ar grande quantidade de fogo; e durante os dias e noites, que dura esta festa, correm as ruas da cidade muitos bombos e tambores. Tive occasião de presenciar algumas destas festividades, e especialmente mereceo-me attenção a d'um dos mordomos em Agosto.

Innumeravel multidão de povo e romeiros havia concorrido ao Bom Jesus na vespera do Domingo da festa. Passeios, escadarias, adro do templo, avenida, alameda, e terreiro dos Evangelistas, tudo estava povoado; e os homens com suas clarinetas, violas, rabecas e cavaquinhos (2) acompanhavão as cantigas campestres e animadas das Minhotas. Era um arraial cheio de vida. O monte do Sanctuario não parecia então um sitio consagrado á devoção e aos louvores do Altissimo; era um campo de alegria, danças e folguedo. Tinha estado um dia calmoso; mas ao declinar do sol começou de respirar a viração da tarde, que tornou o ar puro, sereno e fresco. A' noite tudo correo ao *campo* de S. Anna, porque o fogo havia de ser ahi e no *campo* da Senhora a Branca, onde se achavão levantados alguns arcos triumphaes, por debaixo dos quaes a procissão, saíndo de S. Victor, havia de passar no seguinte dia. Estava uma bella noite de luar d'Agosto. Quem caminhava pelo *campo* de S. Anna fóra, não podia deixar de receber muito fortes impressões de prazer. Lá adiante quasi ao cabo principiava o arraial; os arcos enfileirados e illuminados de differentes côres, e as janellas de todas as casas tambem enfeitadas com damascos e lanternas de côres offerecião a mais agradavel perspectiva. Ranchos de romeiros e de pessoas da terra cruzavão-se, cantando e dançando. Fogo preso e do ar, que durou

(1) Precede todas as procissões um boi enfeitado de compridas cobertas, fitas de diversas côres, e outros enfeites; segue-se um carro conduzindo alta carrada de castanheiros, loureiros e hervas cheirosas; e logo despois muitos bombos e tambores. Assisti a uma, em que íão seis bombos e doze tambores; tocando compassadamente, mas fazendo um insupportavel estrondo.

(2) São os quatro instrumentos favoritos do povo do Minho.

por toda a noite, correspondia de tempo a tempo a estes testemunhos de alegria; e uma banda de musica sobre um coreto no meio do arraial dava a esta funcção uma animação, que não póde explicar-se. Era madrugada, quando o arraial se dispersou, porque antes não fôra possivel saír deste sitio.

Assisti tambem em 1843 á famosa romaria do Espirito Santo no Bom Jesus. Mui grande m'a havião pintado; mas, a pezar de me dizerem que a affluencia de gente era nesse anno inferior á dos precedentes, encontrei muito mais, do que imaginava, porque desde o portico até o terreiro dos Evangelistas, e principalmente na grande avenida e alameda, mal podia romper-se por entre o concurso.

Todas as capellas do monte se achavão francas, e apenas defendidas por uma pequena grade de páo; e tinhão suas cortinas de damasco, e as figuras adornadas de immensidade de flores, ramalhetes e velas. Desde o portico andavão em visita das capellas da paixão ranchos de romeiros, que d'umas para outras íão resando em meia voz; e quando chegavão ao patim da capella, ajoelhavão, um lia em voz alta a estação correspondente da *via-sacra*, que todos murmuravão entre os beiços, e terminavão a visita com um Padre Nosso, uma Ave Maria, uma Salve Rainha, e alguns cantavão uma Ladainha.

Os escadorios offerecião um aspecto diverso, que produzia sensações inteiramente oppostas ás da primeira parte do monte. Já não era a doce melancholia, que esta inspira; nem o coração já ahi era impressionado do amor da virtude, compuncção d'alma, e sentimento exclusivamente religioso, que o occupa nos primeiros passeios. Os escadorios, pelo contrario, offerecião uma perspectiva alegre e divertida. Todas as estatuas estavão enfeitadas de cintas e corôas de flores, que lhes davão um aspecto risonho. Immensidade de romeiros subião e descião pelas escadas d'um e outro lado. Seus vestuarios differentes, e alguns sobre modo exquisitos, de que já não usarião nossos ultimos avós, e principalmente as mulheres, adornadas ou antes carregadas de cordões d'oiro ao pescoço, — talvez toda sua riqueza —, e as que se julgavão um gráo acima da classe mais baixa, com seus antiquissimos vestidos de sarja, de cintura muito alta, cheios de botões, e com seus altos e espanados chapéos de veludo, cobertos d'um chuveiro de alfinetes, prégos, laços, e d'um numero infinito de outros extravagantes enfeites, fazião a vista mais engraçada, variada e divertida.

A avenida estava coberta de tendas ao longo dos parapeitos. Nella e no terreiro dos Evangelistas repetião-se algumas das scenas religiosas da primeira parte do monte: ranchos de romeiros continuavão a sua visita das capellas; mas já não era com a devoção, que mostrárão junto das capellinhas da paixão, nem fôra possivel por causa da immensidade de gente, que ahi se achava apinhoada. As vozes de penitencia e amor de Deos, os canticos solemnes, entoados á paixão de Christo junto das capellinhas, erão trocados por cantigas campestres ao som dos rudes, desafinados e agudos instrumentos. Por toda a avenida, alameda, e terreiro dos Evangelistas se ria, cantava e dançava.

Tres dias dura esta romaria, e em nenhum delles deixa de estar povoado o monte do Sanctuario, porque os romeiros, que não cabem nos quarteis e estalagem, deixão-se ficar pela mata debaixo das carvalheiras, e ahi descanção as poucas horas, que lhes sobrão dos folguedos da noite até o raiar do dia, que de novo começão as festas, danças, cantigas e orações do dia antecedente.

A festividade de Igreja dura tambem tres dias; e por fazer della exacta menção, visto ser a festa principal do Sanctuario, copío aqui fielmente a parte dos Estatutos, que lhe diz respeito.

Dizem assim: « Na paschoa de Pentecoste de cada um anno celebrar-se-ha neste nosso Sanctuario com a maior e mais pomposa solemnidade possivel a festa principal desta nossa confraria, e do mesmo Sanctuario, o que os mesarios e principalmente o Juiz executaráõ do seguinte modo.

« No sabbado, vespera da festividade do Espirito Santo, cantar-se-ha no altar mór a missa solemne da exposição, e no fim della será o Santissimo Sacramento conduzido em procissão á sua capella, na qual ficará exposto e patente por todo o dia.

« No Domingo de Pentecoste, logo que o Clero estiver junto, expòr-se-ha na sua capella o mesmo Santissimo Sacramento, e depois da sua exposição cantar-se-ha no altar mór a missa da mesma, ficando o Santissimo Sacramento patente no seu throno até á tarde, na qual a horas convenientes se cantaráõ na referida capella mór solemnissimas vesperas, e no fim destas ir-se-ha em procissão á capella do Sacramento, e ahi se encerrará, cantando os hymnos e preces competentes.

« Segunda feira, que é a primeira oitava, expôr-se-ha logo de manhã o Santissimo Sacramento, e no fim da sua exposição cantar-se-ha a missa solemne no altar da capella mór, tudo na fórma do dia antecedente.

« De tarde haverá sermão, no qual se publicaráõ as eleições dos novos mordomos das capellas; e no fim deste far-se-ha a procissão solemne com o Santissimo Sacramento em volta da Igreja, ou por aquelles arruamentos contiguos, que bem parecer á Mesa, com tanto que não haja indecencias, nem se exponha o Sacramento a profanações; e recolhendo-se á capella mór, ahi ficará exposto sobre o seu altar; e immediatamente se lhe cantará um solemne *Te Deum* em acção de graças; e dada a costumada benção ao povo, será conduzido em procissão á sua capella, e ahi recluso no Sacrario. »

Do passeio da mãi d'agua, e resto do monte.

DEixando o terreiro dos Evangelistas, e penetrando pelo monte sem caminho nem carreiro na direcção de sueste, encontra-se a algumas varas acima do pavimento do terreiro um comprido passeio tapizado de verdura; o qual por debaixo de copado arvoredo conduz a uma mãi d'agua, que lhe fica ao cabo com seus assentos e mesa de pedra.

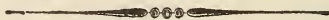
Ao longo do passeio corre o muro da cêrca, e por dentro deste, pouco mais ou menos a uma braça de distancia, um aqueducto descoberto, que, principiando á flor da terra junto da mãi d'agua, o acompanha em direcção horizontal, até que ao pé do terreiro dos Evangelistas se precipita a agua de grande altura por um cano encoberto, e vai em canos interiores para um reservatorio sotterraneo. D'ahi distribue-se esta agua para as fontes dos Evangelistas; e tornando a juntar-se á entrada do terreiro em outro similhante reservatorio, divide-se em duas porções, uma das quaes atravessa para o tanque, que se acha na alameda, e para as hortas, e a outra vai prover a fonte d'Hercules, e d'ahi corre para o mesmo tanque.

O passeio da mãi d'agua, e o resto do monte, — que apenas é uma extensa e espaçosa cumiada, povoada de carvalheiras, e com alguns campos de sementeira —, seria um dos sitios mais procurados pelos visitantes, se a Mesa podesse distrahir para aqui uma parte de seus cuidados.

Bastára arruar esta porção do monte, aproveitando o bom pizo e o alinhamento das arvores, e communical-a com o adro do templo, com a avenida, com o terreiro dos Evangelistas, ou com qualquer outro ponto, suavizando o declive aspero, que o monte fórma para o lado da avenida e sul do templo.

A pezar de estar assim desprezada esta porção do monte, e sem nada, que desperte a curiosidade, — o passeio da mãi d'agua é visitado por todos os que vão ao Sanctuario. Seu molle pizo per sobre musgo e folhas; seu parapeito grosseiro e despido d'arte, mas natural e coberto d'hera; a agua docemente susurrando; e o sombrio do arvoredo, cujos ramos, tocando-se brandamente, fazem um som soidoso, — lembrão as encantadas ruas do Bussaco, e produzem uma doce melancholia, que insensivelmente embriaga os sentidos.

Era este o meu passeio favorito. Cançado o espirito de tantas grandezas, que se admirão por todo o monte, com quanto prazer não buscava eu esse retiro

melancholico, onde livre das vistas importunas dos homens, — sem distracções nenhumas a travéz do arvoredo, — sem outra companhia mais do que o monotono susurrar da agua, a harmoniosa orchestra dos passarinhos, e o leve bafejar do vento, que de vez em quando brincava nas folhas como para distrahir-me a attenção, — a sós finalmente com a natureza, podesse dar todas as largas a meus pensamentos, a minhas recordações, a minhas saudades ! ! . .

Tenho concluido a parte descriptiva do Bom Jesus do Monte. Narrar com exactidão todas as immensas bellezas deste monumento religioso não é possivel: nem a lingua póde exprimil-as, nem a penna desenhal-as.

Oxalá que este meu trabalho tivéra a fortuna de despertar desejos de verificar a realidade. Fôra então um beneficio ao Sanctuario, apenas sustentado pela Providencia Divina, e piedade dos povos; e a mim caber-me-hia grande quinhão de gloria pelo seu credito, porque os povos, que de longe viessem vêl-o, exclamarião, como a Rainha do Oriente, quando foi presenciar as maravilhas de Salomão:

« As tuas obras excedem tudo quanto a fama me tinha dito de ti (1).

(1) 3 Reg. C. 10. v. 7.

Quarta Parte.

Instituição e progressos do Sanctuario do Bom Jesus do Monte; Graças espirituaes concedidas pela Santa Sé; Legados deixados ao Sanctuario, e suas obrigações; fundos e rendimentos da confraria; governo da confraria; e administração do Sanctuario.

I.

Instituição e progressos do Sanctuario.

NO anno de 1494 edificou o Arcebispo D. Jorge da Cunha no monte Espinho, Freguezia de Santa Eulalia de Tunões, uma hermida com a invocação de Santa Cruz (1), onde os povos íão em romaria no dia 3 de Maio, por ser o da sua invenção (2).

Em 1522 o Deão de Braga, D. João da Guarda, a reedificou e ampliou, e mandou abrir em uma das paredes lateraes o seguinte letreiro, que fielmente copiei do original:

> ESTA : EGREJA : E CAPELLA MÃDOU FAZER : O PRETO NOTAIRO
> DÕ : JOÃ : DA GUARDA : DÃM
> DE : BRAGA : E LAMEGUO
> DO : CÕSELHO : DE : EL REI :
> CONDE PALATINO POR SUA DEVOÇÃ : A X6 D. DO MEZ : DE :
> SETEMBRO DO ANO : DE 1522 (3).

Desamparada, e quasi esquecida esta hermida após um seculo pelas ruinas, a que a reduzio o tempo, e a pouca vigilancia dos successores de D.

---

(1) Tradição attestada pelo Arcebispo D. Rodrigo da Cunha na sua *Hist. Eccl. dos Arcebispos de Braga.*

(2) A festividade da Santa Cruz no dia 3 de Maio, que inda se celebra, foi d'antes a principal do Sanctuario. Além deste são tambem festivos no Bom Jesus do Monte em honra da Santa Cruz os dias do seu triumpho a 16 de Julho, e da sua exaltação a 14 de Setembro.

Esta devoção, tão antiga em Braga, pela Santa Cruz deu origem á erecção da sua irmandade em 1581, a qual em 1625 lhe construio o magnifico templo do *Campo* dos Remedios; e é tradição dever-se a erecção desta irmandade á devoção de Jeronymo Portilho, mestre de meninos, que com elles costumava de orar aos pés d'uma cruz levantada onde hoje é o templo.

(3) Esta lapide, e outra com o brazão do Arcebispo D. Jorge, que tem por timbre uma roda de navalhas, apparecêrão em 1837 com a face para o chão no sitio, onde agora é o escadorio das virtudes, por terem sido mandadas metter nos alicerces do antigo templo pelo Arcebispo D. Rodrigo. Consta-me que o brazão se acha agora collocado á entrada da meia laranja da cascata da banda do norte, e a lapide no sitio correspondente do sul.

João; conseguírão alguns devotos á sua custa e com esmolas reparál-a e restituil-a ao antigo estado de devoção; collocárão nella uma imagem de Christo com a invocação de Bom Jesus do Monte; e erigírão confraria em 1629.

Muito curárão os primeiros confrades da conservação desta hermida; e grandes obras premeditárão de fazer, que por sua fama attrahissem para ahi os povos de longe. Para supprir a tamanhas despesas, para que não tinhão rendimentos proprios, elevárão bailos e passos da Sagrada Escriptura por occasião das festividades do Santissimo Sacramento; e com seu producto e esmolas paramentárão a capella, fizerão o quartel chamado *sala grande*, algumas capellas da paixão, e a da resurreição, muito imperfeitas, e differentes das que agora existem, e o antigo escadorio com os paredões de buxo, — e nomeárão para alli um hermitão, que se encarregasse do aceio e paramentos da capella, e franqueasse a fabrica della a quem a quizesse visitar.

Pelos annos de 1608 a 1610 o Deão de Braga, Francisco Pereira da Silva, pretendeo appropriar-se dos direitos e benesses da confraria sob fundamento de lhe pertencer a inspecção e administração da capella, como successor de D. João da Guarda, e pelo direito de appresentação, como Abbade da freguezia de S. Eulalia de Tunões, unida em perpetuo á sua dignidade. E porque os confrades se temêrão da riqueza e poderío do Deão, ficou este de posse da hermida até 1720, em que o Desembargador Juiz dos Residuos, vendo esfriar-se de dia para dia a devoção dos povos, reunio a confraria, e elegendo uma Mesa de pessoas respeitaveis de Braga, intentou contra o Deão as demandas, que a prepôtencia deste, e o receio da confraria tinhão em seu principio abafado; e por ultimo em 1722 o Arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles, para pôr côbro a estas dissensões, devolveo a si a eleição da Mesa, dispensando por esta vez nos estatutos da confraria (1), e nomeou-se a si para Juiz, e alguns Conegos e outras pessoas respeitaveis para Mesarios.

Terminou desde então a contenda; e o Deão assignou perante a Mesa no dia 30 de Junho desse anno em seu nome e no de seus successores um termo de amigavel composição, pelo qual desistia, sob graves penas, de quaesquer direitos, que podesse ter sobre as capellas, hermidas, casas, devêsas, ou outras propriedades sitas no monte de Santa Cruz, dentro ou fóra da cerca, ainda que fossem pertença da freguezia de S. Eulalia, e seus passaes, reservando apenas o foro de duas gallinhas para si, e o de 300 reis annuaes para o vigario d'aquella freguezia, e a escolha de hermitão d'entre tres, que a Mesa lhe appresentasse. Este termo foi julgado por sentença aos 4 de Agosto do mesmo anno, e confirmado pela Santa Sé aos 4 de Setembro de 1724.

Por este modo ficou a confraria gozando pacificamente de seus direitos até 1759, em que o vigario de Santa Eulalia pretendeo assumir toda a inspecção sobre celebração de missas e escolha de capellães ou quaesquer outros sacerdotes e acolytos, como dependencia de seus direitos parochiaes. Todavia esta nova questão foi tambem decidida em favor da confraria por sentença do Tribunal da Legacia, que a considerou unica padroeira do Bom Jesus do Monte sem dependencia da freguezia de Santa Eulalia.

A pezar deste contratempo continuavão as obras, em que desde 1722 se trabalhava no monte do Sanctuario com o zêlo assiduo de D. Rodrigo de Moura e Telles: e as principaes, que este Prelado fez á sua custa, são as seguintes:

(1) Decr. do Arcebispo de 7 de Junho de 1722.

1.° A estrada para o Sanctuario pelas fraldas do monte desde o sitio dos Peões com a sua fonte encostada ao muro da Bouça de Santa Cruz, reformada com o letreiro:

FONTE DO SAN-
TUARIO FEITA NO
ANNO DE 1724
REFORMADA EM 1840.

2.° O portico e as capellas da paixão no estado, em que hoje se achão, com as suas fontes e passeios; os quaes, a pezar de serem mais ingremes, do que devêrão, são de tão grande merecimento, como a estrada, pois a que até então havia, era muito mais comprida, e em alguns pontos quasi intransitavel pelos grandes socalcos e lamaçáes formados das aguas, que discorrem das serras; e quando chegados os romeiros ao sitio das capellas, fôra-lhes inda mister trepar por carreiros abertos em uma montanha escabrosa e desigual.

3.° A fonte dos castellos, e a dos cinco sentidos.

4.° O muro da cerca do Sanctuario, para o que comprou as devêsas, que ficavão dentro della.

5.° O antigo templo, para o qual deu todos os paramentos, e grossas peças de prata.

A vida deste Prelado foi mais curta, do que havião mister as esperanças, que seu zêlo incançavel tinha dado ao Sanctuario. Fallecêo em 4 de Setembro de 1728, chorado dos que o conhecêrão, e venerado de todos os que tinhão ouvido a fama de suas virtudes. Acha-se sepultado na Cathedral na capella de S. Giraldo, defronte do altar, sem pompa alguma, nem outro signal de sua sepultura, senão uma comprida campa com o seguinte epitaphio:

JAZ AQUI O ILLUSTRISSIMO S.OR
D. RODRIGO DE MOU-
RA E TELLES, ARCEBISPO
QUE FOI DE BRAGA, PRI-
MAZ DAS HESPA-
NHAS, E GOVERNOU
COM INTEIREZA
24 ANNOS ESTA
DIECEZE, DE QUE TO-
MOU POSSE A 5 DE
JUNHO DE 1704, E
FALECEO A 4 DE SE-
TEMBRO DE 1728.
REQUIEM AETERNAM DONA EI
DOMINE.

As Mesas, que se seguírão ao fallecimento do insigne Prelado, curárão de imitar seu zêlo e devoção. Reformárão as fontes mythologicas; levantárão as 15 estatuas do antigo escadorio, para o que se applicárão especialmente as custas, em que forão condemnados os professores de latim de Braga pelo perdimento da demanda com os Padres da Companhia de Jesus sobre competencia de ensino; refizerão a capella do descendimento pela maneira, que hoje está, accrescentando-lhe tambem a escadaria, que para ella se sobe da meia laranja da cascata, e a celebre fonte de Jano; construírão a capella da resurreição com a fonte d'Hercules; e abrírão a fonte do penedo, que era sem duvida uma das obras mais curiosas do monte.

Grande quinhão teve em quasi todas estas obras Manoel Rebello da Costa (1), que é considerado como um dos maiores bemfeitores do Sanctuario, pois que ao seu bom gosto, zelo, patrocinio e avultadas sommas, que de sua bolsa despendeo durante o tempo, que servio o cargo de Zelador desde 1749 até 1771, é devido o estado de perfeição, em que se acha a porção do monte desde a cascata até o terreiro dos Evangelistas.

Certamente despois do Arcebispo D. Rodrigo ninguem concorreo tanto para o engrandecimento do Sanctuario, como Manoel Rebello da Costa. Se ao primeiro cabe verdadeiramente a palma da invenção, ao segundo se deve o complemento das obras de maior magnificencia do monte do Sanctuario.

A um e outro tem a posteridade tributado bem merecidos louvores; e seus nomes são repetidos um a par do outro pela bôcca dos devotos do Bom Jesus entre expressões de profundo respeito, saudade e admiração.

Manoel Rebello da Costa falleceo em 1771; e jaz na Igreja do Convento das Freiras dos Remedios em Braga. Sua opinião e serviços lhe merecêrão que a Mesa désse por boa toda a despesa, por elle feita, sem termo desta, com dinheiros da confraria; e que em uma das pedras posteriores da fonte de S. Marcos mandasse lavrar a seguinte memoria:

ANNO DE 1767 SEN-
DO ZELLADOR
E BEMFEITOR
MANOEL RE-
BELLO DA COSTA.

Um dos successores de D. Rodrigo na mitra Archiepiscopal foi D. Gaspar de Bragança, que tambem lhe succedeo no zêlo pelo engrandecimento do Sanctuario.

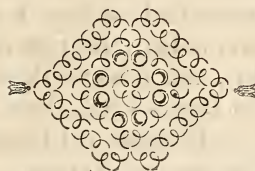
Este Prelado concedeo á confraria por Provisão do 1.° de Outubro de 1765 a graça de ter no templo sacrario com o Santissimo Sacramento, tendo a Mesa d'antemão consignado a conveniente dotação para conservação de seu culto.

D. Gaspar trabalhou tambem muito na edificação do novo templo durante os cinco annos, que lhe restárão de vida. Falleceo a 18 de Janeiro de 1789; e jaz na capella mór da Cathedral na mesma sepultura, e debaixo da mesma campa do Arcebispo D. José.

---

(1) Mui proximo parente do actual Ex.^{mo} Bispo do Porto.

Entre os bemfeitores, que despois do Arcebispo D. Gaspar mais contribuírão para a edificação do novo templo, foi Pedro José da Silva, que lhe collocou a ultima pedra; e além de innumeraveis beneficios, que fez ao Sanctuario, foi elle quem alcançou pela Reg. Res. de 27 de Janeiro de 1806 a provisão para a sua cerca.

Os tempos de devoção, interesse religioso e bom gosto dos instituidores ainda não são passados. A Mesa actual, que desde muitos annos tão dignamente dirige o culto Divino no monte de Santa Cruz, é uma verdadeira successora das virtudes e ardente zêlo dos insignes Prelados e bemfeitores, que a precedêrão. Presenciei seu interesse pelo adiantamento do Sanctuario; e espero ver ainda coroados seus assiduos cuidados.

II.

Graças espirituaes concedidas ao Sanctuario.

SE a fama do Bom JESUS do Monte tem voado tão longe pelas grandiosas obras, com que a mão do homem converteo em ameno retiro uma escabrosa montanha, sua grandeza torna-se inda maior e mais duradoura pelas graças espirituaes, que o Céo derrama sobre elle por mão dos Summos Pontifices.

Uma obra toda do mundo, um passeio de recreação, e pouco mais fôra o Sanctuario, se lhe faltára a benção de Deos, que o torna um retiro de devoção e penitencia, onde o homem vai buscar a expiação dos crimes do mundo pelo derramamento das graças Divinas.

Coube ao insigne Prelado D. Gaspar a gloria de completar as grandezas do Sanctuario, alcançando do Papa Clemente XIV tres Breves de graças, indulgencias e privilegios, que forão concedidos a 20 de Julho de 1773.

O primeiro Breve começa assim = *In iis, per quae animarum CHRISTI fidelium salus procuratur* = ; e concede — 1.° por 20 annos, e em cada anno um plenissimo jubileo aos fieis, que confessados e commungados visitarem o templo do Bom JESUS, e nelle orarem pela concordia entre os Principes Christãos, extirpação das heresias, e exaltação da Santa Madre Igreja ; — 2.° pelo mesmo tempo e por cada vez aos que, ainda sem confissão, visitarem as capellas da paixão e resurreição, todas as indulgencias, remissões de peccados e relaxações de penitencias, que conseguem os que pessoalmente visitão as estações da *via crucis* em Jerusalem ; — 3.° aos confessores approvados, designados pelo Arcebispo para confessarem neste jubileo, os poderes para absolverem no fôro da consciencia de todos e quaesquer peccados, censuras, penas ecclesiasticas, e casos reservados, á excepção dos de heresia, simonia, duello, violação da clausura de convento de Freiras, e de recursos aos juizes leigos contra a fórma dos sagrados Canones, e para commutarem os votos simplices por outra obra pia, regulada a seu prudente arbitrio, não obstante quaesquer Constituições Apostolicas, e Concilios.

O 2.° Breve começa = *Ad augendam fidelium religionem, et animarum salutem* = ; e concede para sempre indulgencia plenaria, e remissão de todos os peccados aos fieis, que confessados e commungados visitarem o templo do Bom JESUS, e nelle orarem pela concordia entre os Principes Christãos, extirpação das heresias, e exaltação da Santa Madre Igreja nos dias da Invenção da Santa Cruz, Ascensão do Senhor, Domingo de Ramos, da Resurreição e Pentecoste de cada anno desde as primeiras vesperas até o sol posto.

O 3.º começa = *Sacra interdum loca* = ; e concede perpetuamente ao templo do Bom Jesus um altar privilegiado, que for designado pelo Ordinario, no qual os sacerdotes, que celebrarem missa por alguma alma do purgatorio, possão applicar-lhe a indulgencia, e conseguil-a por modo de suffragio.

Tamanhas graças, como as que por aquelle jubileo forão concedidas ao Sanctuario, não podião deixar de despertar fervorosa devoção no povo de Braga, por natureza religioso. Em especial a confraria do Bom Jesus, auxiliada pelo Arcebispo D. Gaspar, tractou desde logo de espalhar por longe a fama do Sanctuario, publicando as innumeraveis graças e incomparaveis beneficios concedidos pela Santa Sé, para que soasse como uma trombeta, como diz o Psalmista (1), e chamasse os povos a vir adorar a Cruz de Jesu Christo no monte do Sanctuario; e cuidou de demonstrar publicamente o seu regozijo por uma procissão ou passo sagrado, que representasse o jubileo em figuras allegoricas.

Com tudo estes festejos não tiverão então logar, porque a execução dos Breves foi prohibida pela Mesa Censoria com o fundamento de que *tinhão sido extorquidos em nome do Arcebispo, sem preceder consentimento seu; que a publicação delles, feita pela Mesa, fôra clandestina, concebida em termos indiscretos e imprudentes, e com o fim de convocar os povos para delles tirar interesses pecuniarios e sordidos; que deixava preterida em silencio a Bulla da Cruzada, pela qual até erão suspensas as indulgencias maiores concedidas ás corporações ecclesiasticas seculares e regulares deste reino; e que até fazia objecto de reserva e confissão os recursos ao Juizo da Corôa, no mesmo espirito da Bulla da* Cêa (2).

Este desagradavel acontecimento desgostou a confraria, e geralmente todos os habitantes de Braga, que tão satisfeitos se havião mostrado com as graças da Santa Sé, e que levados de piedosos sentimentos se preparavão para festejal-as com as mais públicas demonstrações de regozijo.

Diminuio tambem nas hermidas do Bom Jesus o concurso de romeiros, que alli affluião, attrahidos pela noticia das grandes indulgencias; e fez cessar inteiramente as disposições religiosas, que já começavão de fazer-se para lucrar aquelles dons do Céo.

Mas não desanimárão os confrades na piedosa tarefa, e diligenciando pelo mesmo Arcebispo a renovação das mesmas graças, alcançárão-nas de Pio VI. por tres Breves, dados em 18 de Março de 1778, que são uma repetição dos primeiros, sem com tudo se referirem a elles. Então tiverão logar a procissão e demais festejos, que estavão projectados por occasião dos primeiros Breves (3).

---

(1) Psalm. 18. v. 5. — Levit. c. 25. v. 9.

(2) Guarda-se no cartorio a noticia do jubileo publicada pela Mesa, e o Edital da Mesa Censoria, que prohibindo a execução dos Breves, mandou sob graves penas recolher todos os exemplares, que d'aquella noticia existissem.

(3) Existe no cartorio uma longa e muito circumstanciada descripção desta procissão, que foi singular pela sumptuosidade dos differentes carros emblematicos, e innumeraveis figuras allegoricas, de que se compunha.

É notavel a tendencia, que Braga sempre teve para os festejos públicos, especialmente por motivos religiosos. Além desta procissão, por certo unica no seu genero, citarei por characterizal-a os seguintes factos : — as festividades do SS. Sacramento, que hoje se fazem com toda a grandeza e dignidade, entre as quaes forão n'outro tempo muito notaveis — a de 1714 pelo Arcebispo D. Rodrigo com o passo da S. Escriptura, cujo assumpto era a profecia de David no Psalmo 33. « Benedicam Dominum in omni tempore; — a de 1728 pelo Reverendo Agostinho Marques do

Além das graças comprehendidas nos tres Breves acima referidos, concedeo o mesmo Pio VI. ao Sanctuario as seguintes :

Em 20 de Junho de 1778 concedeo, sem expedição de Breve, a instancias do Arcebispo D. Gaspar, uma indulgencia plenaria e perpetua aos fieis, que confessados e commungados visitarem o templo do Bom Jesus do Monte desde as vesperas até o sol posto dos dias da Exaltação da Santa Cruz, Natividade, Conceição, Annunciação, Purificação, e Assumpção de Nossa Senhora em cada anno, e em todas as sextas feiras da quaresma.

No 1.° de Julho do mesmo anno, a instancias do mesmo Arcebispo, concedeo o applicarem-se por modo de suffragio pelas almas do purgatorio as indulgencias concedidas pelo discurso de cada anno ao templo do Bom Jesus, cumprindo-se o teor dos respectivos Breves e indultos.

No mesmo dia conferio ao Presbytero Domingos Ferreira, Capellão do Sanctuario, o poder de benzer quinhentas veronicas, ou cruzes, ou crucifixos, e outras tantas corôas de contas, e de applicar-lhes a indulgencia plenaria para o artigo de morte.

A 18 do mesmo mez e a 22 d'Agosto, a instancias do Arcebispo, fez perpetuas as indulgencias concedidas por 20 annos no seu primeiro Breve.

No mesmo dia 22 d'Agosto, a instancias do povo de Braga, concedeo perpetuamente aos seus habitantes, que por impedidos não possão visitar o templo do Bom Jesus, o alcançarem as indulgencias, cumprindo em casa ou n'alguma Igreja da cidade as obras pias, em que o confessor lhes commutar a visita do templo.

A 13 de Maio de 1780 concedeo aos Presbyteros Joaõ Teixeira e Bento Ferreira, Capellaẽs do Sanctuario, o poder de benzer mil veronicas e crucifixos, e applicar-lhes as indulgencias.

A 4 de Setembro transferio para outro qualquer altar, que o Arcebispo designasse, o privilegio concedido em geral a um altar pelo 3.° Breve, commettido pelo Arcebispo ao altar de S. Rodrigo no templo antigo (1).

Em 21 d'Agosto de 1782 privilegiou perpetuamente os altares de qualquer Igreja ou capella pública, em que se celebrem missas pelos confrades defunctos, para que lhes aproveite este suffragio em cada uma dellas.

Em fim permittio a 9 de Novembro, a instancias da confraria, que os confrades impedidos de fazer a visita do templo do Bom Jesus alcancem as mesmas indulgencias por meio d'alguma obra pia.

Couto, e Jacome Borges Pacheco Pereira com o passo tirado do Gen. cap. 1.°, cujo assumpto era a majestosa obra, que Deos fez nos primeiros sete dias do mundo; — a de 1753, sendo juiz o Reverendo Verissimo Ferreira Marques, Arcediago de Varmoim, com o sumptuoso passo da S. Escriptura, que teve por assumpto o Sacramento da Eucharistia, medicina universal, deduzido do Eccles. cap. 28.; — a procissão, com que o Reverendo Felis d'Araujo solemnizou o dia 24 de Junho de 1754, anniversario do nascimento de S. João Baptista, por meio d'um passo mythologico-sacro, que ainda em 1843 presenciei, correndo as ruas da cidade desde sol nado até sol posto, e que é uma das usanças antigas e singulares de Braga; — e os festejos, que o Arcebispo D. Gaspar fez pelas ruas da cidade em 15 de Setembro de 1760 pelo casamento da Serenissima Princeza do Brasil com seu Thio o Infante D. Pedro.

(1) Foi designado o altar mór do templo.

III.

Legados deixados ao Sanctuario, e suas obrigações.

O Primeiro legado foi de 24:000 reis, deixado em 1663 por Pedro do Rosario, primeiro hermitão, com a obrigação perpetua de duas missas no 1.º de Janeiro com um responso sobre a sua sepultura, e mais tres em quaesquer dias do anno.

Deixou-lhe tambem 20 medidas de pão meado, das quaes ficarião 13 pertencendo desde logo ao Sanctuario com obrigação de duas missas, e as outras sete serião usufruidas por seu herdeiro, e por morte deste reverterião ao Sanctuario com obrigação de mais uma missa. Com tudo a confraria nunca recebeo estas sete medidas, por se terem perdido no poder dos herdeiros de Pedro do Rosario; e por isso tambem nunca se cumprio a obrigação da ultima missa.

O segundo foi de 2:000:000 reis, deixado em 1724 pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles, com obrigação de uma missa diaria por sua alma.

Já em sua vida havia este Arcebispo posto no Sanctuario um capellão para dizer todos os dias uma missa por sua tenção com o ordenado de 60:000 reis, o qual continuou despois da sua morte, e é tirado dos juros d'aquelle legado, podendo com tudo ser augmentado até a importancia de todo o rendimento, se pelo tempo adiante tambem crescessem as esmolas das missas.

O terceiro foi de 900:000 reis, deixado em 1755 por João Pereira Fajardo, com obrigação perpetua d'uma missa por sua alma em todos os Domingos e dias santos.

O quarto foi de 300:000 reis, deixado em 1757 por Francisco Ribeiro da Silva, com obrigação de estar uma alampada constantemente accesa na capella do descendimento.

O quinto foi de 1:600:000 reis, deixado em 1765 por Jeronymo Pessoa Monteiro, Abbade reservatario de S. Martinho de Gondomar, com obrigação perpetua d'uma missa diaria com as seguintes clausulas (palavras formaes da escriptura) = *e nunca poderáõ ser de* requiem *ainda nos dias semiduples e feriados, e nestes taes dias, conformando-se com as rubricas, as dirão votivas, e será tam sómente aquella missa votiva, que se acha no fim do missal Ro-*

mano , que tem por rubrica — missa para alcançar graça para bem morrer , — e todas as missas serão applicadas por aquellas pessoas , por quem quiz elle dito Reverendo Abbade, instituidor do dito legado , ellas valessem , e assim conforme a tenção , que elle teve.

O sexto foi de 2:800:000 reis , deixado em 1766 por Luciano Pinto Nogueira de Sousa , com obrigação perpetua d'uma missa diaria por sua alma , e pela de seus parentes dentro no quarto grão , e pelas almas mais necessitadas do purgatorio , a qual seria dita por um capellão , que habitasse no Sanctuario.

O septimo foi de 2:000:000 reis, deixado em 1767 por Manoel Rebello da Costa, com obrigação d'uma missa diaria pelas tenções seguintes: — a do Domingo pelos bemfeitores do Sanctuario, — a das segundas feiras pelas almas do purgatorio, — a das terças pela delle instituidor, — a das quartas pela de sua mulher, — a das quintas por seus filhos, — a das sextas por seus pais, — a dos sabbados por seus avós.

O oitavo foi de 100:000 reis, deixado em 1773 pelo Conego Antonio Xavier Rebello, com obrigação d'uma missa cantada por alma do Arcebispo D. José no dia 3 de Junho, anniversario da sua morte.

O nono foi de 240:000 reis, deixado em 1787 por uma devota, com obrigação perpetua de doze missas annuaes por sua tenção e de seus parentes nos seguintes dias: — tres ternos de missas em dia de Natal, uma em dia de Santa Cruz, outra em dia da Ascensão do Senhor, e outra em dia do Espirito Santo.

O decimo foi de 94:320 reis, deixado em 1791 por um devoto, com obrigação de tres missas annuaes por sua tenção no templo em dia da Santissima Trindade, ou em outro qualquer, quando n'aquelle não possa ser.

O undecimo foi de 28:800 reis, deixado em 1800 por um devoto, com obrigação d'uma missa annual.

O duodecimo foi de 4:000:000 reis , deixado em 1806 por José Pereira Ferraz, com obrigação de se fazerem ao anno as exposições do Santissimo Sacramento nos seguintes dias: — dia de todos os Santos, — Domingas da quaresma, á excepção da quinta, por ser em Braga a procissão do Senhor dos Passos , — quinta e sexta feira santas , em quanto o Senhor estiver patente da custodia , e não havendo endoenças , — Domingo de Paschoa , — dia da Ascensão do Senhor , — triduo do Espirito Santo , — dia da Invenção da Santa Cruz , — dias de S. Pedro e S. Paulo , não havendo nesse anno endoenças , — dias de Sant-Iago maior , — Natividade e Assumpção de nossa Senhora.

Este legado devia ser reduzido a bens de raiz , que rendessem ao menos 5 por $\frac{o}{o}$, recebendo no entanto a confraria 200:000 reis , como juros , dos herdeiros do instituidor pelas hypothecas consignadas na escriptura. A licença para esta compra de bens de raiz foi concedida por Provisão de 13 de Agosto de 1811 ; mas como não tenhão até agora apparecido bens de raiz , que por aquelle preço segurem o rendimento de 5 por $\frac{o}{o}$, continúa ainda a Mesa da confraria a receber dos herdeiros aquelles juros.

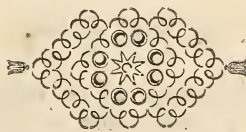
O decimo terceiro foi de 200:000 reis, deixado em 1808 por Manoel José Gomes para veneração da capella das reliquias.

O decimo quarto foi de 3:600:000 reis, em 18 apolices ou padrões a juro de 6 por $\frac{o}{o}$, deixado em 1821 por Constantino José Gomes , com obrigação de se accrescentarem mais 40:000 reis annuaes ao ordenado de cada um dos capellães.

O decimo quinto foi de 300:000 reis, deixado em 1823 por Antonio José Duarte de Carvalho, com obrigação d'uma missa annual por sua alma, e pela de sua mulher.

O decimo sexto foi de 300:000 reis, deixado em 1835 por D. Joaquina Candida do Loreto Azevedo e Silva, com obrigação de duas missas annuaes por sua alma, uma em dia de S. Joaquim, e a outra no da Santa Cruz.

Estes são os legados, de que tenho noticia pelas escripturas, que do cartorio me forão mostradas.

Suas obrigações tem sido constantemente cumpridas; e logo que deixarem de o ser, reverteráõ elles em beneficio do hospital de S. Marcos em Braga, porque assim foi determinado pelas Bullas da Santa Sé.

IV.

Fundos, e rendimentos da confraria.

Os fundos e rendimentos da confraria constão de bens de raiz, medidas de pão, dinheiro a juro, esmolas de devotos, e joias d'entrada, que os confrades dão, quando se mettem irmãos.

a) *Bens de raiz:*

Os bens de raiz comprehendem só o monte do Sanctuario. Uma parte delle acha-se determinado por grandes marcos com as iniciaes B. J. (Bom Jesus), e tem em toda a sua extensão duas mil trezentas e vinte sete e meia varas, sendo quatrocentas e oitenta e oito pelo nascente, oitocentas e trinta e quatro pelo norte, cento e treze pelo poente, e oitocentas e noventa e duas e meia pelo sul, como consta da demarcação e atombamento, a que se procedeo por virtude da Reg. Resol. de 27 de Janeiro de 1806, pela qual o Principe Regente concedeo ao Sanctuario essa porção da montanha com licença de a usufruir, plantar arvores, e resguardar as nascentes d'agua. Esta porção é a cerca do Sanctuario, e está murada desde por de traz da capella do castello d'Emmaús ao longo do passeio da mãi d'agua até perto da capella da crucifixão. Dentro nella se achão uns pequenos campos de sementeira, que andão arrendados com outro pedaço de terra, chamado a *bouça verde*, o qual fica de fóra da cerca ao norte do adro da capella da crucifixão. Estes terrenos de cultura são os unicos passaes do Sanctuario.

Todo o de mais terreno do monte é baldio e inculto, á excepção das hortas dos capellães e da estalagem, que ficão tambem deste lado do norte: e nem fòra talvez possivel cultival-o, por ser quasi todo pedregoso. A citada Reg. Resol. prohibio que ainda assim se aforasse a particulares, com o justo receio de que sob pretexto de melhoramentos d'agricultura se cortassem arvores, e se diminuisse a belleza natural da montanha.

b) *Medidas.*

As medidas erão 50 *rasas* de pão meado, trinta e sete das quaes não consta donde viessem, e forão vendidas; e as treze restantes são as que deixou Pedro do Rosario em seu testamento com as obrigações de missas, que em seu logar disse; mas destas só restão seis, porque as demais forão vendidas em 1772, e seu producto dado de juro.

c) *Dinheiros a juro, joias d'entrada.*

O capital das joias d'entrada, e legados dados a juro subia antigamente a oito contos duzentos e quarenta mil reis afóra os legados do Arcebispo D. Rodrigo, e de José Pereira Ferraz. Porém hoje acha-se reduzido a tres contos e oitenta e dois mil reis, porque as obras indispensaveis do novo templo, a compra de devesas na montanha para arredondar a demarcação, e a reedificação dos quarteis arruinados na invasão Franceza consumírão o resto desse capital. Todavia por cubrir este desfalque determinão os estatutos da confraria que não possa tirar-se deste fundo dinheiro algum, e que todos os annos se lhe addicionem cem mil reis do que sobejar dos rendimentos do legado de José Pereira Ferraz, os quaes, se a tanto não chegar esse sobejo, serão inteirados com o producto das esmolas, e dados de juro, logo que for possivel, assim como quaesquer sobejos d'outros rendimentos da confraria.

Em quanto aos legados de D. Rodrigo e de José Pereira Ferraz, formão tambem parte dos fundos da confraria, e a cada um accrescem todos os annos os sobejos de seus rendimentos despois de satisfeitas todas as despesas, para que forão instituidos.

d) *Esmolas.*

Finalmente os rendimentos, que mais avultão no Sanctuario, são as esmolas dos devotos e dos visitantes.

O Sanctuario conta desde seu principio, e principalmente despois do estabelecimento da confraria, numero consideravel de bemfeitores, que tem concorrido para o seu augmento com avultados donativos em dinheiro, alfaias, materiaes de toda a especie, offrendas de pão e vinho pelo S. Miguel, e mil outras cousas; e (o que é mais para agradecer) os pobres lavradores das visinhanças ficárão desde a edificação do novo templo no costume de virem ahi trazer á sua custa e em seus carros toda a pedra necessaria para as obras, — costume por extremo louvavel, e que, se bem pesado á maior parte delles, é um verdadeiro testemunho de sua devoção pelo Bom Jesus.

Não era possivel conservar os nomes de todos os bemfeitores e visitantes, que por alguma fórma tem concorrido, e constantemente concorrem para o engrandecimento do Sanctuario, porque entre o innumeravel concurso de devotos, que todos os dias lhe levão suas esmolas, uns não deixão seus nomes, e outros por modestia, que muito é de respeitar, obrigão a Mesa a occultal-os. Todavia os principaes beneficios e donativos mais consideraveis constão dos termos das Mesas, e escripturas, que se arrecadão no cartorio.

Certamente é bem para admirar que uma obra tão grande, como o Bom Jesus do Monte, tão rica de mão d'obra, tão dispendiosa por sua extensão e bom gosto, tenha sido toda feita com esmolas, donativos, e essas mesquinhas sobras dos legados; e ainda é mais para admirar que nestes tempos de penuria, em que todas as grandes obras e bellos monumentos de gosto e antiguidade do nosso Portugal, que tamanho brado derão na historia, vão decaíndo com o tempo á mingoa de meios, o monte do Sanctuario conte de cada vez mais bemfeitores de toda a parte, e cresça como por milagre de dia para dia!

V.

Governo da confraria, e administração do Sanctuario.

A Confraria do Bom Jesus do Monte é governada desde seu principio por seus estatutos, que tem sido modificados, alterados, ou accrescentados, segundo as novas exigencias do andar dos tempos. Os ultimos são de 1821.

Por estes estatutos o governo da confraria está dividido em tres poderes, a que incumbem attribuições differentes.

O primeiro é a Mesa da confraria.

O segundo é a Junta de deputados.

O terceiro é a Junta da confraria, que se compõe de certo numero de delegados, eleitos pela confraria d'entre seus membros para certos fins.

Todas suas differentes attribuições segundo o grão de gravidade dos negocios, que lhe incumbem, são extensamente determinadas nos estatutos.

A Mesa é eleita annualmente pela Junta da confraria, e compõe-se de treze membros, cada um dos quaes tem seu emprego differente; e são os seguintes: — Juiz da Confraria, e na sua falta um presidente da Mesa; cartorario; secretario; ministro do culto Divino; vedor da fazenda; vedor das obras; thesoureiro da confraria; thesoureiro dos legados de D. Rodrigo e de José Pereira Ferraz; zelador das esmolas; zelador das estampas e das medidas do corpo e do braço da imagem do Bom Jesus; procurador da confraria; mordomo do templo; e mordomo das capellas.

As decisões da Mesa carecem, para sua validade, de que estejão presentes ao menos sete vogaes, e em certos casos nove.

Os membros, que compõem a Mesa actual, são os seguintes:

Presidente —	Joaquim da Motta Cardoso, Abbade em S. Pedro de Maximinos.
Cartorario —	João Evangelista Pinto.
Secretario —	José Joaquim Vieira Velloso.
Ministro do culto —	Ambrosio Fernandes.
Vedor da fazenda —	Thomaz Florencio d'Antas Faria.
Vedor das obras —	Joaquim da Costa Rebello.
Thesoureiro dos legados —	Felis Coelho d'Araujo Ribeiro.
Thesoureiro da confraria —	João da Silva Vieira Braga.

Zelador das esmolas — Manoel José Vieira de Carvalho.
Procurador da confraria — Antonio José Fernandes.
Mordomo da Igreja — Manoel José Sequeira Villaça.
Mordomo das capellas — João José Pinto Pereira.
Zelador das medidas — João Baptista Antunes Guimarens.

A Junta de deputados compõe-se da Mesa com mais quatro dos que servírão no anno anterior, os quaes são para esse fim eleitos por escrutinio secreto pela Mesa, logo que toma posse.

As suas decisões carecem, para terem validade, da presença de treze membros pelo menos; podem com tudo chamar-se, para supprir o logar dos que faltarem, até tres dos que já tenhão servido em Mesa.

A Junta da confraria, representante de toda ella, compõe-se de vinte e cinco vogaes, em que entrão os treze da Mesa.

Ha tambem no Sanctuario tres capellães fixos, um sacristão, e um hermitão.

Como e quando é eleito cada um destes poderes, suas attribuições geraes, e as obrigações especiaes de cada membro da Mesa, e dos capellães, sacristão e hermitão relativamente ao governo da confraria, administração e fabrica do Sanctuario, achão-se extensamente determinadas nos estatutos da confraria.

RELAÇÃO

DOS

SENHORES SUBSCRIPTORES.

Adriano Antão Barata Salgueiro
Adriano Pereira Leitão
A. P. F. de S. 20 *exempl.*
Agostinho Coelho
Alexandre José Coelho
Alexandre Thomaz de Carvalho Moutinho
Alvaro de Carvalho Moreira Pinto
Alvaro José Vieira da Cruz
Alvaro Pereira Bethencourth
André José de Vasconsellos Azevedo e Silva
André da Rocha
D. Anna Clementina Pinto de Mello
Anonymo
Antonio d'Abreu de Lima de Moraes
Antonio d'Affonseca Freitas Amorim
Antonio d'Aguiar Pereira Frazão Soares Barbosa
Antonio Albino da Costa Macedo
Antonio Alves da Silva
Antonio do Amor Divino e Cunha
Antonio Augusto Cabral de Sousa Pires
Antonio Augusto de Sousa e Castro
Antonio de Azevedo Coutinho e Mello
Antonio Barreto Pereira d'Araujo Pimentel
Antonio Benicio Pereira Viana
Antonio Brandão Pereira
Antonio Florencio Sarmento
Antonio Henriques da Silveira
Antonio Joaquim Gonçalves de Carvalho e Costa
Antonio Joaquim Nunes de Abreu
Antonio Joaquim Teixeira Caneca
Antonio Joaquim da Rocha
Antonio Joaquim dos Santos Nogueira
Antonio José de Carvalho
Antonio José Dias da Costa
Antonio José Dias Guimarães
Antonio José Fajardo
Antonio José Gonçalves
Antonio José de Miranda
Antonio José Pinto da Costa Rebello
Antonio José Rodrigues Candido
Antonio José dos Santos Abranches
Antonio José da Silva Pereira Suecia 6 *exempl.*
Antonio José de Sousa
Antonio Lobo Pereira Caldas de Barros
Antonio Machado de Moura
Antonio Maria de Meirelles
A. P. Cardoso Cruz
Antonio Roberto de Santa Anna e Silva
Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho 6 *exempl.*
Antonio de Sousa Carneiro
Antonio Teixeira de Mello
Antonio Teixeira da Mota
Antonio Vieira d'Araujo 2 *exempl.*
Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro
Arcediago de Vermoim
Augusto d'Abreu Castello Branco
Augusto do Amaral Semblano
Augusto Freire de Carvalho
Baroneza do Casal
Bartholomeu Corréa de Moraes Amaral
Basilio da Costa Duarte
Bento Leal da Silva Carvalhaes
Bento Miguel Pereira Leitão
Bernardino da Expectação Madureira
Bernardo Joaquim Cardoso Cruz
Bernardo Maria Coelho Sobral
Bernardo Teixeira Leite Velho

Bispo Eleito d'Aveiro
Bispo do Porto
Caetano Ferreira Espinheiro
Carlos Vieira da Silva
Christovão de Vasconsellos Vieira de Andrade
C. A. A. S.
Custodio Lopes de Jesus
Cypriano Leite Ribeiro Freire
David de Barros e Silva Botelho
Diogo do Carvajal e Vasconsellos
Domingos Antonio Ferreira
Domingos Marinho da Silva
Domingos Miguel da Costa Velho
Domingos d'Oliveira Maia
Domingos Pinto de Faria
Eduardo A. Allen
D. Eulalia Carolina Leite
Felipe José Vieira
Florencio Mago Barreto Feio
Francisco Augusto de Abranches
Francisco Augusto Pereira Roque
Francisco Dias Lima
Francisco da Fonseca Corrêa Torres
Francisco Honorio Ripado
Francisco José Gonsalves Loureiro
Francisco José dos Santos Maia
Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca *4 exempl.*
Francisco Manoel Ferreira de Carvalho
Francisco Manoel de Moraes Pacheco
Francisco Menezes da Costa
Francisco Queimado
Francisco Romano Gomes de Meira
Francisco da Silva Araujo
Francisco Theofilo de Andrade
Frederico Antonio Soares de Pinho
Gaspar d'Abreu de Lima
Gaspar Antonio de Guimarães Suzana
Gaspar da Costa Pereira de Vilhena *4 exempl.*
Giraldes José
Gonçalo Lobo Pereira Caldas de Barros *20 exempl.*
Henrique Carlos de Miranda
Henrique Daniel Wenck
Henrique d'Oliveira Maia
Henrique O Neil
Jaime Pereira Leitão

Jeronymo Eugenio da Silva
Jeronymo Ozorio
João Antonio de Sousa Doria
João Antonio de Sousa Guimarães
João Augusto Malheiro
João Barlos de Macedo
João de Castro Sampaio
João Evangelista Coelho
João Diogo da Silva Cardoso
João Feio Soares de Azevedo
João Ferreira d'Eça e Leiva
João Leal d'Araujo e Vasconsellos *12 exempl.*
João Malheiro de Magalhães
João Manoel Peixoto Leite
João Maria de Araujo
João Maria Moreira
João de Matos Faria Barbosa
João de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça
João Paes do Amaral Costa
João Pereira Velludo
João Roberto Araujo Taveira
João Vieira da Silva e Vasconsellos
Joaquim Antonio da Costa Lira
Joaquim Antonio da Costa Mesquita e Mello
Joaquim José de Faria
Joaquim José Rodrigues da Camara
Joaquim José da Silva Gonçalves
Joaquim da Luz Lopes
Joaquim Nogueira Soares
Joaquim Nunes Borges de Carvalho
Joaquim da Rocha Pinto
Joaquim Rodrigues Ferreira Pontes
Joaquim Valdez
José Antonio de Calça e Pina
José do Amaral Semblano
José Antonio Lopes Maia *2 exempl.*
José Antonio Machado Braga
José Antonio de Sousa Gonsalves
José Augusto Pereira Palha
José Caetano do Couto
José Caetano Rodrigues
José da Cunha Rolla
José Cupertino da Fonseca
José Cypriano dos Santos
José Francisco Ribeiro Fortes
José Guilherme da Cosa Lira

José Homem de Figueiredo Leitão
José Joaquim de Azevedo
José Joaquim de Castro Leite
José Joaquim da Costa Lima
José Jooquim da Cunha e Almeida
Jose Joaquim Gomes de Araujo Alvares
José Joaquim Lopes da Silva 3 *exempl.*
José Joaquim de Oliveira
José Joaquim Pereira dos Santos
José Joaquim Pereira da Silva
José Joaquim de Sousa Gonçalves
José Leite Ribeiro Freire 2 *exempl.*
José Maria de Lemos Almeida Valente 6 *exempl.*
José Maria de Moraes Pacheco
José Maria Pereira Guerra
J. M. P. F. P. 4 *exempl.*
J. M. P. F. S. 16 *exempl.*
José Maria de Tavares
José Maria de Vasconsellos Azevedo e Silva Carvajal
José Maria de Vasconsellos Mourão
José Marinho da Silva Macedo
José de Mello Paes do Amaral
José Narciso da Costa Rebello
José de Oliveira
José Pinto de Mesquita Queiroz e Lemos
José Ribeiro de Novaes 3 *exempl.*
José Victorino de Barbosa
Libanio Constantino Alves do Valle
Luiz Antonio Corrêa de Moraes e Amaral
Luiz Antonio Ferreira Moraes Sarmento
Luiz Antonio Pinto
Luiz Albano de Andrade e Moraes
Luiz Bravo de Abreu Lima
Luiz Caetano Lobo
Luiz Corrêa de Abreu
Luiz José Gomes Forte
Luiz José Monteiro
Luiz José de Vasconsellos Azevedo e Silva Carvajal
Luiz Martins Villaça
Manoel Antonio Alves Pereira 2 *ex.*
Manoel Augusto Pereira
Manoel Candido da Costa
Manoel Figueira
Manoel de Freitas Costa
Manoel Joaquim da Costa Araujo
Manoel Joaquim Gomes e Silva
Manoel Joaquim Teixeíra
Manoel Jose de Moura Henriques
Manoel Justino Ferreira de Sousa
Manoel Lopes de Albuquerque
Manoel Pinheiro de Almeida e Azevedo
Manoel dos Prazeres e Silva
M. de S. P.
D. Margarida de Salomé Magalhães
D. Maria Cecilia Aillaud
D. Maria do O' Ozorio
D. Maria Thereza Machado Ferrão
Marquês de Penalva
Martinho de Mello Machado Corte-Real
Miguel Antonio Coelho
Miguel Ferreira Tavares
Moré 4 *exempl.*
Dr. Moura
Narciso Macedo de Andrade
D. Olympia Nunes Cardoso Murta
Pantaleão José de Araujo e Castro 4 *exempl.*
Pedro José dos Santos
Ricardo Galwey
Rodrigo Nogueira Soares
Roque Joaquim Fernandes Thomaz
Sebastião José de Abreu
Sebastião Maria da Nobrega
Sebastião de Santa Rita
Theotonio Corrêa da Veiga
Visconde de Vallongo 2 *exempl.*
D. Zilia Justa de Castro

ERRATAS

(*Em alguns exemplares.*)

		Erro	*Emenda.*
Pag.	5	Quiz éra	Quizéra.